



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS, EDUCAÇÃO E LINGUAGENS DE BACABAL – CCEL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (PPGLB)

EDILENE RODRIGUES AFONSO

**EFEITOS DE DENÚNCIA DE ASSÉDIO SEXUAL EM AMBIENTE
DIGITAL: UMA ANÁLISE DISCURSIVA**

BACABAL
2023

EDILENE RODRIGUES AFONSO

**EFEITOS DE DENÚNCIA DE ASSÉDIO SEXUAL EM AMBIENTE
DIGITAL: UMA ANÁLISE DISCURSIVA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Bacabal da Universidade Federal do Maranhão, UFMA - Centro de Ciências, Educação e Linguagens - CCEL, Bacabal, como requisito obrigatório para obtenção do título de mestre em Letras.

Linha de Pesquisa: Texto e Discurso

Orientador(a): Prof.(a) Dr(a) Glória da Ressurreição Abreu França

BACABAL
2023

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Rodrigues Afonso, Edilene.

EFEITOS DE DENÚNCIA DE ASSÉDIO SEXUAL EM AMBIENTE
DIGITAL: UMA ANÁLISE DISCURSIVA / Edilene Rodrigues
Afonso. - 2023.

88 p.

Orientador(a): Glória da Ressurreição Abreu França.
Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em
Letras - Bacabal, Universidade Federal do Maranhão,
Bacabal - MA, 2023.

1. Ambiente digital. 2. Assédio sexual virtual. 3.
Denúncia. 4. Memória discursiva. I. da Ressurreição
Abreu França, Glória. II. Título.

EDILENE RODRIGUES AFONSO NOME

**EFEITOS DE DENÚNCIA DE ASSÉDIO SEXUAL EM AMBIENTE
DIGITAL: UMA ANÁLISE DISCURSIVA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Bacabal da Universidade Federal do Maranhão, UFMA - Centro De Ciências, Educação e Linguagens - CCEL, Bacabal, como requisito obrigatório para obtenção do título de mestre em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dra. Glória da
Ressurreição Abreu França

Aprovada em 25 de janeiro de 2023.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.^a Dra Glória da Ressurreição Abreu França
(UFMA)

ORIENTADOR(A)

Prof.^(a) Dr^(a) Mariana Aparecida de Oliveira Ribeiro
(UFMA)

Prof.^(a) Dr^(a) Tyara Veriato Chaves
(IEL/UNICAMP)

Aos meus amados pais, Antônio e Cilene, que me apoiaram desde o início do mestrado, e me ensinaram a valorizar os estudos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me permitir chegar até aqui. Aos meus amados pais Antônio e Cilene, pelo valoroso apoio que me deram para que eu alcançasse lugares e posições que jamais pensei alcançar, que me ensinaram que, às vezes, nem sempre o melhor caminho será o mais fácil, e que os estudos nos proporcionam a resistência que precisamos para incomodar o mundo, apesar de ser um longo caminho até lá.

À minha querida amiga e irmã Thauana Sousa por me acolher no coração e em sua casa quando eu precisava de silêncio para estudar, sempre me apoiando em tudo, minha gratidão eterna.

Agradeço à minha orientadora, doutora Glória França pela paciência que teve comigo durante toda a escrita, nas reuniões de orientação que me desembaralhavam as ideias bagunçadas, por insistir comigo até os últimos momentos para que conseguíssemos finalizar a escrita, e me acolher como orientanda e em seu grupo de estudos GEPEDIS, que desde o início do mestrado foi parte de minha rotina, e onde entendi os conceitos básicos da Análise do Discurso em nossas reuniões de estudos do grupo, deixo aqui meu agradecimento igualmente a todos os integrantes do GEPEDIS.

À professora doutora Tyara Veriato que muito contribuiu com esta pesquisa, direta e indiretamente, pelo cuidado que teve em suas sugestões, assim como minha orientadora. À professora doutora Mariana Ribeiro pelas contribuições e pelo aceite em compor as bancas de qualificação e de defesa.

À minha amiga e parceira de orientação Alzilane Fernandes, por me socorrer nos momentos de maior tensão e por chorar discursivamente quando ambas estavam sem ideias.

Ao querido Marcelo Reis por ter sido um grande apoio até mesmo antes de eu ingressar no mestrado, por ter sido um dos meus impulsionadores para conseguir algo tão importante assim.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras de Bacabal, pelos ensinamentos durante as aulas, pela paciência que todos tiveram, pelo cuidado e zelo ao ensinar e por seu tempo. À CAPES pela concessão da bolsa de pesquisa por quase dois anos que possibilitou minha permanência no Programa até o final. À Universidade Federal do Maranhão por fazer parte da minha vida acadêmica pela segunda vez. Por fim, a todos que contribuíram direta ou indiretamente com esta pesquisa.

RESUMO

Esta pesquisa se realiza na perspectiva teórico-metodológica materialista da Análise do Discurso, mobilizando principalmente as categorias de memória discursiva, denúncia, cinismo e lugar discursivo, como aporte teórico os autores Pêcheux (2014 [1975]; 1999 [1983]), Orlandi (2015; 2007; 2001), e Indursky (2011). Para a discussão de gênero e raça, trazemos como aporte teórico os seguintes autores: França (2013; 2016; 2017; 2018;), Chaves (2013; 2015), Cestari (2015; 2017), Vergès (2020) e Gonzalez (1983). Constituímos um arquivo a partir de materialidades formuladas e postas em circulação no ambiente digital, publicadas entre 2015 e 2021. Trata-se de capturas de tela de conversas privadas, formuladas nas redes sociais Facebook e Twitter, e publicizadas nos portais de notícias R7, G1, OCPNews, Portal da Cidade Brumadinho, no site Canaltech e ainda no Twitter, comentários das publicações, reportagens sobre a #Exposed e leis nas quais o assédio sexual virtual pode ser enquadrado. Os discursos dos sujeitos em posição de assediadores e de assediadas que estão presentes nas capturas de tela se constituem no corpus desta pesquisa, cujas questões norteadoras se referem a analisar quais efeitos de sentido estão circulando através da memória presente no interdiscurso das SDs, no discurso do ciberassédio, em ambiente digital.

Para realizarmos esta análise discursiva questionamos: quais os sentidos de ser mulher e de ser homem é possível analisar nos discursos de sujeitos, cujas condições de produção são manifestadas no espaço digital? Portanto, a pesquisa objetiva analisar que sentidos de assédio, de ser mulher e de ser homem estão postos em circulação a partir dos discursos de indivíduos homens, em situações consideradas assédio sexual, em ambiente digital. Percebemos, ao final das análises, que o ambiente digital possui um papel primordial tanto nos gestos de denúncias anônimas feitas por mulheres em posição de assediadas, quanto na exposição e mais violências que acontecem também nesse espaço, pois o assédio sexual persiste na sociedade há tempos, e a forma como ocorre tem se expandido a outros espaços, contribuindo para a formação de espaços discursivos que consolidam o enfrentamento dos assédios.

Palavras-chave: Assédio sexual virtual. Denúncia. Memória discursiva. Ambiente digital.

ABSTRACT

This research is carried out in the materialist theoretical-methodological perspective of Discourse Analysis, mobilizing mainly the categories of discursive memory, denunciation, cynicism and discursive place, as theoretical contribution the authors Pêcheux (2014 [1975]; 1999 [1983]), Orlandi (2015; 2007; 2001), and Indursky (2011). And for the discussion of gender and race, we bring as theoretical contribution the following authors: França (2013; 2016; 2017; 2018;), Chaves (2013; 2015), Cestari (2015; 2017), Vergès (2020), and Gonzalez (1983). We constitute an archive from materialities formulated and put into circulation in the digital environment, published between 2015 and 2021. They are screenshots of private conversations, formulated in the social networks Facebook and Twitter, and published in the news portals R7, G1, OCPNews, Portal da Cidade Brumadinho, on the Canaltech website and also on Twitter, comments on the publications, reports on #Exposed and laws in which virtual sexual harassment can be framed. The discourses of the subjects in the position of harassers and harassed that are present in the screenshots constitute the corpus of this research, whose guiding questions refer to analyze which effects of meaning are circulating through the memory present in the interdiscourse of the SDs, in the discourse of cyberharassment in the digital environment. To carry out this discourse analysis we ask: what are the meanings of being a woman and being a man that can be analyzed in the discourses of subjects, whose conditions of production are manifested in the digital space? Therefore, the research aims to analyze what senses of harassment, of being a woman and being a man are put into circulation from the discourses of male individuals, in situations considered sexual harassment in the digital environment. We realized, at the end of the analyses, that the digital environment has a primary role both in the gestures of anonymous denunciations made by women in the position of being harassed, and in the exposure and more violence that also happens in this space, because sexual harassment has persisted in society for ages, and the way it occurs has expanded to other spaces, contributing to the formation of discursive spaces that consolidate the confrontation of harassment.

Keywords: Virtual sexual harassment. Denunciation. Discursive memory. Digital environment.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01	Captura de tela do Uol	19
Figura 02	Captura de tela do Verifact	19
Figura 03	Primeira captura de tela do Portal R7	25
Figura 04	Segunda captura de tela do Portal R7	25
Figura 05	Primeira captura de tela do Twitter	26
Figura 06	Segunda captura de tela do Twitter	26
Figura 07	Terceira captura de tela do Portal R7	26
Figura 08	Captura de tela do Portal da Cidade Brumadinho	27
Figura 09	Captura de tela do G1 da Globo	27
Figura 10	Captura de tela da OCPNews	28
Figura 11	Captura de tela do Canaltech	28
Figura 12	Captura de tela de Migalhas	30
Figura 13	Captura de tela do G1	30
Figura 14	Captura de tela da notícia	49

Sumário

1 Introdução.....	10
2 Percurso de leitura.....	12
2.1 #Exposed e o funcionamento do discurso digital.....	18
2.2 A constituição do corpus e as condições de produção do discurso.....	24
2.3 o arquivo jurídico e midiático em torno do assédio sexual.....	29
3 Perspectivas teóricas.....	32
3.1 a denúncia no ambiente digital.....	40
3.2 Lugar discursivo e lugar de enunciação.....	44
4 (Des) Construção da imagem da mulher pelas lentes machistas.....	46
4.1 Objetificação do corpo feminino nas redes: os sentidos de ser mulher e de ser homem nas práticas de assédio sexual no ambiente digital.....	47
4.2 Outras vozes nas tensões de gênero.....	55
4.3 Público X Privado: O papel do digital no assédio sexual.....	63
Considerações finais.....	70
REFERÊNCIAS.....	72

1 Introdução

A presente pesquisa apresenta uma análise de discursos que circulam em situações de assédio sexual, no ambiente digital, analisando que sentidos de homem, de mulher e de assédio são postos em circulação a partir desses discursos.

O meio digital tem sido o espaço onde ocorre com frequência os assédios, e os discursos são materializados em aplicativos de mensagens, ou seja, esse ambiente digital é uma fonte riquíssima de corpus para análises à luz da Análise do Discurso materialista. Além de ser um tema que é sempre atual, pois o assédio sexual não é algo novo, e notícias sobre isso sempre circulam nas mídias, assim como outros tipos de violências contra a mulher. É um tema pertinente, pois trata de questões que vão além das discussões de gênero, como questões de raça, por exemplo, que embora não apareça formulada em nosso material, é um debate que fazemos teoricamente a partir de dados secundários, de pesquisas realizadas sobre o assédio sexual e violências contra mulher.

Ao longo da pesquisa, mais precisamente na coleta de material, algo que incomodava era em relação ao material para o debate da questão da raça, pois procurava por algo específico, assim como as outras capturas de tela que encontramos de conversas da mulher sendo assediada, porém, a pesquisa aqui era por capturas de tela de mulheres negras, mesmo pesquisando com palavras-chave relacionadas à mulher negra, simplesmente não encontrava o material específico. Isso incomodava e desafiava, pois é essencial que essa questão seja levada para a discussão, pois se encontra na internet pesquisas de instituições e ONGs falando sobre as estatísticas do assédio sexual, e se vê que as mulheres negras são as que mais sofrem. No entanto, quando se faz a busca do material, as capturas de telas das denúncias, o que se encontra é algo mais generalizado, e principalmente de mulheres brancas denunciando, e nos questionamos o motivo. Percebemos então, a necessidade de seguirmos pela via do silenciamento e da invisibilização dessas mulheres, e é aí que entra também a questão do Feminismo negro x Feminismo branco. Como o Feminismo branco pode ser um tanto excludente não só em relação à classe social e econômica das mulheres, mas também em relação à raça, e isso acaba constituindo os sujeitos que podem ou não ser beneficiado.a.s pela luta da igualdade de gênero, e de certa forma, talvez não selecionando quem pode ou não ser assediada, mas dizendo sobre quem recai o assédio. Apesar de não aparecer em nossa

materialidade a respeito da dimensão racial, isto é, capturas de tela de mulheres negras sendo assediadas e denunciando o assédio, percebi, com as leituras aprofundadas ao longo da pesquisa, com um novo olhar sobre essa discussão, com a orientação da professora doutora Glória França, com as pesquisas realizadas por ela e com o Grupo de Estudos e Pesquisa em Discursos, Interseccionalidades e Subjetivações (GEPEDIS/CNPq), que dentro das condições de produção é impossível ignorar a dimensão racial, apesar de não aparecer em nosso material. Dessa forma, podemos pensar essa dimensão racial, nos questionando: Se a materialidade da discussão racial nas questões de violência de gênero não aparece está sendo apagado, silenciado?

A raça é atravessada por determinados aspectos estruturais que cooperam para a intensificação das desigualdades de gênero. Tratar a questão do assédio sexual somente enquadrando sujeitos nesses conceitos de gênero e raça é inconsistente, pois, se forem analisados de maneira isolada, não refletem a realidade das desigualdades, como exemplo temos a questão da hipersexualização das mulheres negras. Essas são umas das muitas marcas históricas do período colonial escravocrata, em que o corpo negro, especialmente o da mulher, foi objetificando e desumanizado. Dessa forma, trabalhamos a questão de gênero e raça, interseccionalmente, como uma das determinações históricas que entram em jogo na questão dos assédios, pois segundo o que propõe França (2018), não separamos o debate racial do debate de gênero, pois um está atrelado ao outro, essas discussões andam lado a lado, e isso tem dado espaço para grandes pesquisas na área da Análise do Discurso de vertente materialista.

Nesta pesquisa trabalhamos com o digital, o textual e também o imagético, sendo o corpus da pesquisa heterogêneo, pois trabalhamos com capturas de tela de aplicativos de mensagens e também com material jornalístico. Analisamos os discursos constitutivos de práticas de assédio sexual e os sentidos que circulam nesses discursos, pensando a dimensão de gênero em uma perspectiva discursiva. No entanto, não nos limitamos apenas a analisar os enunciados do sujeito que assedia, mas no discurso do outro também, as reações, as respostas, os comentários, o funcionamento das hashtags de denúncia, usadas na publicação das capturas de tela. Levaremos em conta não apenas a linguagem verbal, pois quando analisamos apenas o verbal, não estamos analisando o ambiente digital, é necessário analisarmos o conjunto, pois o ambiente digital possui características peculiares, que vão além do verbal, como a captura de tela, por exemplo, que é própria desse ambiente.

Temos como objetivo geral analisar que sentidos de ser mulher e de ser homem estão postos em circulação a partir dos discursos de indivíduos homens cis heterossexuais, em situações consideradas assédio sexual, em ambiente digital.

A proposta do tema surgiu após trabalhar um tema semelhante em meu Trabalho de Conclusão de Curso, abrindo caminho para uma nova pesquisa científica, a fim de aprofundar meus conhecimentos na área do discurso e ampliar a pesquisa sobre o assédio sexual, pois é um assunto que merece atenção científica pelo fato de o discurso estar preso numa rede de determinações de gênero, de raça, classe, território etc.

A escolha do tema se deu pela pertinência da discussão de gênero e raça, que ocorre no espaço digital, pela pertinência da discussão sobre os discursos produzidos nas materialidades coletadas desse espaço digital, e por já ter trabalhado com a temática do assédio sexual e outras causas feministas, pelo fato de ser um assunto de grande relevância para as mulheres que buscam igualdade de direitos, pois esse é um assunto que merece atenção científica, e para isso é necessário um estudo que busque analisar os discursos de sujeitos em situação considerada de assédio sexual, tanto do assediador quanto da assediada, para compreender os efeitos de sentido produzidos por esses discursos, e isso só é possível tendo como arcabouço teórico-metodológico a Análise do Discurso materialista.

A pesquisa foi desenvolvida sob a perspectiva teórica e metodológica da Análise de Discurso materialista, e tem como aporte teórico os autores Pêcheux (2014 [1975]; 1999 [1983]), Orlandi (2015; 2007; 2001), e Indursky (2011). E para a discussão de gênero e raça, trazemos como aporte teórico os seguintes autores: França (2013; 2016; 2017; 2018;), Chaves (2013; 2015), Cestari (2015; 2017), Vergès (2020) e Gonzalez (1983).

2 Percorso de leitura

A presente pesquisa se inscreve no campo teórico-metodológico da Análise de Discurso de vertente materialista, doravante AD, com uma abordagem qualitativa, de natureza explicativa, pois estuda fatores relacionados ao assédio sexual em ambiente digital, e que contribuem diretamente para a ocorrência dele. A pesquisa trata dos efeitos de sentido do ciberassédio, ou seja, o assédio sexual na internet, especificamente em aplicativos de mensagens, como Messenger, Instagram e Twitter.

Destacamos que já existem outras pesquisas relacionadas à este tema, como a tese de doutorado intitulada "Gênero, raça e colonização: A brasilidade no olhar do discurso turístico

no Brasil e na França", da professora doutora Glória França, que trabalha os os efeitos de sentido sustentados na memória da colonização, da imigração, bem como os sentidos estereotipados e exotificadores sobre a mulher negra. Há também um artigo de sua autoria, intitulado "SOBRE (E N)O CORPO: O DISCURSO DO TURISMO SEXUAL NOS AMBIENTES DIGITAL E OFF-LINE", que trabalha tanto a questão de gênero quanto de ambiente digital, abordados nesta pesquisa. Temos ainda como referência a dissertação da professora doutora Tyara Veriato, intitulada "DA MARCHA DAS VADIAS ÀS VADIAS DA MARCHA: DISCURSOS SOBRE AS MULHERES E O ESPAÇO", que aborda essas questões de gênero, também voltada para o digital. Estas foram algumas das pesquisas que trabalham questões de gênero, de raça, do digital, e que foram como base para esta pesquisa.

O objeto de análise da pesquisa se constitui a partir de enunciados (re)produzidos por sujeitos em posição de assediadores, sendo necessário analisar os efeitos de sentidos produzidos por esses discursos, e identificar as regularidades nos discursos dos sujeitos.

Há inúmeras maneiras de se tomar conhecimento a respeito dos casos de assédio sexual, seja por meio das mídias sociais ou por relatos de mulheres que já tiveram essa experiência desagradável, e ainda através de dados estatísticos que mostram uma abrangência maior de casos na sociedade. Esses dados estatísticos, além de capturas de tela de aplicativos de mensagens e reportagens sobre a temática servirão como corpus a ser analisado na pesquisa. Não se trata de uma pesquisa que trabalha com grande amostragem, pois o que queremos apreender não são estatísticas, mas um funcionamento do discurso, pensando a noção de "recorte", que segundo Orlandi (1984, p. 14), "é um fragmento da situação discursiva". Levando em conta que a unidade discursiva representa fragmentos que estão correlacionados tanto de linguagem quanto de situação, segundo Orlandi (1984), trabalhamos com a noção de recorte, na noção proposta pela autora, ou seja, de um fragmento da situação discursiva. Por isso o recorte é o oposto do segmento, que é uma unidade do sintagma, da frase etc. No ato de recortar não existe uma passagem automática entre as unidades e o todo por elas constituído. Para Orlandi (1984), o recorte não remete à ideia de informação, mas de polissemia, por isso justificamos não ter o objetivo de apreender as estatísticas, e sim o funcionamento do discurso.

A metodologia utilizada é de cunho qualitativo e descritiva, pois permitirá a elaboração da descrição detalhada sobre os acontecimentos, baseada nos preceitos da Análise do Discurso da linha Francesa. O corpus foi coletado a partir de reportagens que relatam os

abusos envolvendo mensageiros e de capturas de tela das mensagens tiradas das redes sociais de vítimas desses abusos, e ainda as mensagens veiculadas nas reportagens, constituindo um corpus heterogêneo. Ou seja, os prints circularam na internet, e isso produz um deslocamento, especialmente em termos de funcionamento do digital na relação público x privado. A pesquisa foi dividida em duas fases, sendo uma de estudo dos conceitos da Análise do Discurso e outra da coleta e análise dos dados. Essas fases andam em conjunto, uma afetando a outra, uma atravessando a outra, pois a teoria interfere na delimitação do corpus, e o corpus traz questões para a teoria. Para a realização das análises do corpus o projeto toma como base a teoria da AD, mobilizando principalmente as categorias de memória, denúncia, lugar discursivo e cinismo.

Parte do corpus foi coletada de reportagens que relatam os abusos contra as mulheres, e outra parte foi coletada de diferentes veículos de mídia social de regiões e estados distintos. Para isso foi feito um levantamento sobre casos de assédio sexual divulgados por reportagens de diferentes estados brasileiros. Após a coleta do corpus foi feita a análise, articulando corpus e a Teoria do Discurso para identificar se há ou não regularidades nos discursos dos agressores, quais os efeitos de sentido gerados por esses discursos e como as vítimas são afetadas. A pesquisa será dividida em capítulos que abordarão a apresentação do tema com o objeto central do estudo, a Teoria da AD Francesa, será feito ainda uma breve abordagem do papel do patriarcado nas desigualdades de gêneros.

A pesquisa contará ainda com o apoio de dados estatísticos reais que reforçam os fatos apresentados de maneira que não interfira nas informações apresentadas na pesquisa, retratando a realidade das mulheres brasileiras. Será feita uma abordagem sobre as formas do assédio sexual, ou seja, como ele se manifesta em suas diferentes faces, seja por meio de assobios, comentários de cunho sexual em público ou em redes sociais da vítima etc., dessa forma, será feito um capítulo da genealogia do assédio sexual. O assediador, ao enunciar seu discurso para a vítima, está revelando algo de si e da sociedade, algo que está subentendido, camuflado em seu discurso. Para compreender o que o agressor diz sobre si e sobre a sociedade será necessário fazer uma abordagem sobre como é visto o papel da mulher na sociedade desde os séculos passados, abordar a influência do Patriarcalismo nas desigualdades de gênero, principalmente no que diz respeito ao assédio sexual. Será feito ainda uma abordagem sobre a lei brasileira que pune o assédio e sua eficiência.

Apesar de ter apoio de dados estatísticos, a pesquisa não será quantitativa, pois o foco não é a quantidade de casos por região e sim possíveis regularidades nos discursos dos sujeitos, não apenas de discursos machistas, mas também discursos e argumentos religiosos, morais, liberais, sexistas etc., pois há uma infinidade de discursividades em jogo, portanto não nos prenderemos a um único discurso. Nesse caso, o corpus será analisado para identificar, se houver, essas regularidades, porque afeta a vítima, como isso acontece e porque acontece de determinada forma e não de outra. Para alcançar os objetivos, buscamos apoio no arcabouço teórico-metodológico da Análise do Discurso da linha Francesa, baseada em autores como Pêcheux (2014 [1975]; 2012a [1973]; 2012b [1984]; 2008 [1983]; 1997 [1975]), Orlandi (2015; 2007; 2001) e Indursky (2011; 2013).

O corpus foi coletado tanto de sites e jornais digitais, quanto de redes sociais, buscando o material para a coleta por meio de palavras-chave como "assédio sexual", "assédio sexual nas redes sociais", "denúncia de assédio sexual na internet" e através de algumas hashtags que também podem ser usadas como palavras-chave no Twitter e Instagram. Através dessas palavras-chave chegamos às capturas de tela. Para a análise das sequências discursivas selecionadas a partir dessas capturas de tela, utilizamos também a análise de discurso materialista como aporte teórico-analítico e metodológico, desenvolvendo principalmente os conceitos de memória, formação discursiva, interdiscurso, a noção de ideologia e a categoria denúncia.

Destaco que para a realização desta pesquisa, o corpus será analisado baseado na seguinte pergunta de pesquisa: Quais efeitos de sentido estão circulando através da memória presente no interdiscurso das SDs, no discurso do ciberassédio, em ambiente digital? A pergunta desdobra-se em outros questionamentos, como por exemplo: Quais os sentidos de mulher são projetados nos enunciados das capturas de tela? Quais os sentidos de masculinidade podemos perceber nesses discursos? Que memória podemos identificar através do discurso dos sujeitos homens e dos sujeitos mulheres?

Em nossa pesquisa, frente ao incômodo que esta problemática causa, pretendemos estudá-la a partir da análise de enunciados digitados em conversas privadas de redes sociais como Twitter, Instagram, Messenger e WhatsApp, ou comentários públicos em fotos postadas por mulheres, tanto no Instagram, quanto no Facebook. Após fazer a busca pelas palavras-chave que nos levam até a captura de tela ou reportagem, fazemos o download ou

mesmo uma captura de tela da materialidade. A veracidade e a confiabilidade dos dados podemos garantir por meio de links que levarão o leitor até os dados, direto na fonte.

Em relação ao corpus, consideramos necessário explicar a razão pela qual foi escolhido o discurso reproduzido em capturas de tela de conversas privadas¹ e comentários em publicações, para constituir o objeto de estudo. A escolha se justifica pela relevância da discussão de gênero-raça, principalmente atualmente, pela visibilidade internacional das redes sociais mencionadas, e por serem fontes riquíssimas de material para análise, pois é onde ocorrem as situações de assédio sexual constantemente. É denominado assédio virtual a ação em que a internet, as redes sociais no geral, são utilizadas como ferramentas para importunar, perseguir, ou hostilizar o outro. O ambiente digital tem como peculiaridade algumas ferramentas que facilitam o sujeito em posição de assediador de abordar o outro. Não apenas isso, possui uma linguagem própria do discurso digital, como o uso de emojis e abreviações, o digital neste caso, não é somente uma ramificação da rua, um reflexo do espaço público, onde o sujeito pratica as mesmas ações que se pratica na rua, como também é o lugar onde é possível fazer ou dizer aquilo que não se tem coragem de fazer ou dizer no espaço público. Além disso, acreditamos que, apesar de ser proferido pelos sujeitos assediador e assediado, o discurso revela a realidade social que ultrapassa os limites étnico-raciais, territoriais, religiosos etc., portanto merece atenção científica.

Desse modo, selecionamos algumas capturas de tela publicadas nas redes sociais. Esclarecemos que a seleção das capturas de tela ocorreu a partir de alguns critérios, a saber: I - as capturas de tela deviam estar publicadas em uma página aberta ou em matérias de sites, ou jornais digitais; II - as capturas de tela deviam evidenciar que a vítima é uma mulher que sofreu assédio sexual e III - devia constar o discurso do assediador. Após a seleção das capturas de tela seguindo os critérios citados, foram selecionadas as SDs, a partir das quais a análise será realizada. Basicamente, justificamos esta pesquisa pela busca de analisar os enunciados de assediadores, para que possamos perceber um possível discurso predominante atravessando-os e determinando os sentidos.

Desenvolvemos ainda nesta pesquisa uma reflexão sobre a relação entre o assédio sexual e as redes sociais eletrônicas (Twitter, Facebook, Messenger, Instagram e WhatsApp). Inclusive, a escolha de enunciados que circulam nessas redes sociais e que constituem o corpus se dá devido a frequente presença de sujeitos constituídos nessas mídias, e que acaba

¹ Privadas até o momento em que se tornaram públicas, por meio da ampla divulgação na internet.

gerando um processo de articulação nas redes (MITTMANN, 2011) fazendo circular outros discursos a partir desses que são administrados por outras mídias como: revistas online, portais de grandes grupos televisivos como o portal R7 do grupo Record, jornais etc.

Feitas estas considerações iniciais, em que apresentamos questões metodológicas, como a temática, o objetivo geral, corpus da pesquisa e perguntas, na sequência, será desenvolvido o estudo proposto. Para tanto, adotaremos a seguinte organização: A pesquisa está organizada em cinco capítulos. O capítulo 2 traz o percurso de leitura, e 2.1 dedica-se à uma discussão do funcionamento do digital, faremos uma reflexão sobre o ciberespaço sob o ponto de vista histórico, sobre alguns movimentos feministas, como #Exposed, #MeuPrimeiroAssedio, entre outros. Em 2.2 apresentamos as condições de produção e a constituição do corpus da pesquisa. 2.3 tratamos do arquivo jurídico e midiático em torno do assédio sexual,

No capítulo 3 traz os posicionamentos teóricos a partir dos quais realizamos a pesquisa, bem como alguns dos principais conceitos da teoria, fundamentais para a realização de nossa pesquisa, com o objetivo de estabelecer a relação entre os conceitos teóricos e o corpus delimitado, apresentamos as noções de denúncia, memória, cinismo, lugar de enunciação, assim como outros conceitos importantes para a AD.

Em 3.1 faremos uma reflexão sobre a noção de denúncia trabalhada por Payer (2006), considerando o ato de fazer e postar a captura de tela uma forma de denúncia, e em 3.2 faremos uma reflexão sobre lugar discursivo e lugar de enunciação. Em 2.3 desenvolvemos uma reflexão teórica sobre as discussões gênero-raça, com uma abordagem interseccional. O capítulo 4 dedica-se às análises, sob uma reflexão teórica sobre as discussões gênero-raça, com uma abordagem interseccional. Encerrando com as considerações finais, trazemos uma reflexão geral sobre as questões trabalhadas, e ao final apresentamos o anexo com as capturas de tela contendo sequências discursivas que não foram analisadas, mas que foram citadas no texto.

A discussão da pesquisa aborda a categoria gênero e raça, fazendo uma alusão às muitas discussões feministas na atualidade, e discutimos ainda a posição-sujeito do homem e da mulher a partir do gênero, tirando a ideia do sexo como biológico, ou seja, o gênero como categoria social, sem excluir da discussão as questões raciais que favorecem ou não nas desigualdades de gênero, cooperando para o surgimento dos feminismos excludentes, que selecionam quem pode ou não ser beneficiada pela luta aos direitos da mulher.

Reafirmamos que o corpus desta pesquisa se constitui pelo discurso do assediador materializado em capturas de telas de conversas privadas e comentários em publicações de redes sociais, mas levaremos em conta também os discursos dos assediados. Entendemos que a Análise de Discurso materialista, em conjunto com as contribuições teóricas de Michel Pêcheux, que estão fundamentando esta pesquisa, trazem elementos importantes para concluirmos a proposta que apresentamos sobre os efeitos de sentidos produzidos pelo discurso de assediadores.

2.1 #Exposed e o funcionamento do discurso digital

O Movimento #Exposed usa essa hashtag para indicar que algo está sendo exposto. O Movimento surgiu em redes sociais dos Estados Unidos em que usuárias revelaram assuntos que foram omitidos, de forma conveniente. Já no Brasil, o Movimento ganhou força tanto no Twitter quanto no Facebook, e associa-se às denúncias de mulheres que se posicionaram como vítimas de práticas de abuso sexual. O Movimento #Exposed no Brasil, se destaca principalmente pela quantidade maciça de acusações envolvendo professores, seja da rede pública ou privada, tanto dentro quanto fora das escolas. É importante destacar também que geralmente o movimento associa a hashtag com o nome da cidade, como por exemplo: #exposedpicos, #exposedteresina, #exposedcariri, #exposedBH, #esposedSP, #esposedFortal, #esposedsobral etc.

Esse movimento, que também é chamado de campanha, consiste na exposição de determinados acontecimentos, em que se expõe atos considerados questionáveis, e até mesmo crimes, principalmente os que acontecem no âmbito do digital. É um movimento um tanto polêmico, pois coloca em debate dois fatos importantes, que é: quais os limites da liberdade de expressão de alguém que precisa fazer um relato sobre um acontecimento, uma experiência pessoal, e quais os limites do direito à privacidade de quem está sendo exposto neste relato. É polêmico pelo fato de circular principalmente no Twitter, onde as discussões tendem a se intensificarem por se tratar da internet, por se tornar público, e nesse espaço público da internet há também o direito à manifestação, não só de quem faz o relato, mas do público em geral, pois quando se posta algo no Twitter, haverá comentários de outros internautas, sejam positivos ou negativos.

O que se fala na internet sobre o movimento #Exposed?

Figura 01 – Captura de tela do Uol



Figura 02 – Captura de tela de Verifact



No Movimento da #Exposed, que é uma prática onde se expõe acontecimentos que passam a ganhar visibilidade no ambiente digital por conta da circulação massiva na rede, temos três posições: de um lado, temos a parte que expõe o comportamento do outro na internet; temos esse outro, que é a parte central da discussão, o autor de determinado ato, no caso, o assédio sexual; e temos ainda a parte que comenta, que julga se é certo ou errado, porque quando se participa de um movimento de exposição assim, deve-se saber que haverá não apenas comentários positivos, mas há também aqueles que surgem em defesa do agressor

² Disponível em: https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/06/13/exposed-entre-o-acolhimento-das-vitimas-e-o-linchamento-virtual-dos-reus.htm#amp_tf=De%20%251%24s&aoh=16680053301191&referrer=https%3A%2F%2Fwww.google.com&share=https%3A%2F%2Ftab.uol.com.br%2Fnoticias%2Fredacao%2F2020%2F06%2F13%2Fexposed-entre-o-acolhimento-das-vitimas-e-o-linchamento-virtual-dos-reus.htm Acesso em 08 nov. de 2022

³ Disponível em: <https://www.verifact.com.br/exposed-quando-a-vitima-expoe-publicamente-na-internet-a-pessoa-que-cometeu-a-violencia/#:~:text=Com%20as%20comprova%C3%A7%C3%B5es%20dos%20ataques,Justiceiras%20e%20Me%20too%20Brasil.%E2%80%9D> Acesso em 12 nov. 2022

e em acusação da vítima. O linchamento virtual derivado da hashtag, em decorrência da exposição, é um acontecimento que não afeta somente quem assedia, mas também a quem é assediada. Essa forma de exposição não consentida, surgiu no Twitter no ano de 2015, com origem na #MeuAmigoSecreto, com inúmeros relatos de violências sofridas por mulheres de todo o país. Segundo El País⁴ (2015) o movimento utilizou a ideia da brincadeira do amigo secreto, que geralmente ocorre nas confraternizações de final de ano, para então revelar comportamentos de pessoas próximas, considerados por essas mulheres como inapropriados e até criminosos.

No ano de 2017, surge uma "nova" hashtag, com o movimento #MeToo (#EuTambém no Brasil), criado pela atriz Alyssa Milano, que fez circular e viralizar em seu Twitter, pedindo para que mulheres vítimas de assédio sexual e outras violências utilizassem a hashtag para contar seus relatos pessoais (VEJA, 2019)⁵. De acordo com Segundo a BBC (2018), um total de pelo menos meio milhão de pessoas utilizaram a #MeToo logo nas primeiras 24 horas seguidas da postagem da atriz. Percebe-se uma linha do tempo dessas hashtags de exposição, de denúncia, onde se tem movimentos em série, que originam outros movimentos, e possuem relação com diversos outros, como por exemplo, #MeuRacistaSecreto, um derivado da #MeuAmigoSecreto, com o intuito de fazer relatos sobre pessoas próximas que praticaram racismo contra outras, principalmente contra mulheres negras.

O movimento #MeToo⁶, bem como da prática de exposição (Exposed, em inglês) causou diversos efeitos desde sua circulação, como protestos pacíficos no Globo de Ouro e até mesmo a criação de um fundo de arrecadação que fornece amparo às vítimas de assédio sexual (Time's Up Legal Defense Fund). Segundo Silva e Vieira (2020, p. 117), a viralização do movimento #Exposed se deu por causa do “desenvolvimento da Sociedade em Rede, caracterizada pela instantaneidade dos fluxos além das fronteiras estatais”. Esse avanço que tem tido as redes sociais faz com que a postagem circule instantaneamente. É também algo próprio do digital, assim como a captura de tela, os emojis, a hashtag, esses

⁴ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/25/politica/1448451683866934.html>. Acesso em: 08 nov. 2022.

⁵ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/ideos/veja-explica/voce-sabr-o-que-e-o-movimento-metoo-veja-explica/>. Acesso em: 08 nov. 2022.

⁶ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/24/internacional/1571945213631882.html>. Acesso em: 08 nov. 2022.

compartilhamentos rápidos fazem circular de forma instantânea qualquer que seja a informação.

Pensando na materialidade do significante "expor", que é algo que passa também pela tradução 'exposed = expor', perguntamos: o que é expor? Expor o quê ou expor quem? Quem está sendo exposto? Expor a vítima? Expor o assediador? Expor o assédio? Vejamos, a grande questão da #exposed é expor, não apenas alguém (assediador), mas principalmente um ato (o assédio), no entanto, esse movimento de expor na internet expõe não apenas o assédio, mas também o autor do ato, e a vítima acaba sendo exposta também, pois é um movimento que revela diferenças, revela a relação público x privado, questões de sexualidade etc. A hashtag é um funcionamento de exposição, no qual você expõe e é exposto? Percebe-se essa relação do expor e do obsceno, que é aquilo que fica (e que precisa ficar) fora de cena. Tem uma relação entre o que coloca para exposição e o que se esconde, o que fica fora da cena, o que não está sendo exposto. O que seria esse "resto", esse "resquício" que fica de fora, que se esconde?

Percebemos nas capturas de tela que algumas mulheres prolongam o assunto nas conversas privadas, quando percebem que estão sendo assediadas. Não é nossa intenção aqui defender quem assedia, muito menos acusar a vítima, mas o que se percebe com esse movimento de "dar corda", de prolongar a conversa, é que há um funcionamento de algo que pode ser interpretado como uma "armadilha", que pode inclusive ser usado como desculpa em possíveis processos criminais, com a justificativa de: "Ela quem provocou, eu nem ia assediar, portanto a culpa é dela", e isso nos atualiza a memória do estupro, por exemplo, quando se diz que a culpa é da mulher que usa roupas curtas, com os comentários mais comuns, como "Com essa roupa? Tá pedindo para ser estuprada", "A culpa é dela que usou aquela roupa, que foi para aquele lugar, que bebeu demais ", pois a sociedade está sempre a culpabilizar a posição-sujeito mulher.

Através da hashtag exposed, percebemos que existe um arquivo do assédio sexual que já está pronto no digital. Esse arquivo é composto por inúmeras hashtags de denúncias, e é interessante perceber que o uso da hashtag exposed, por exemplo, não é algo isolado, assim como outras. Há aqui um gesto, um acontecimento em série, ou seja, o uso de uma hashtag desencadeia várias outras, é como se uma denúncia gerasse outras denúncias. Observando o próprio nome desse movimento (#Exposed), percebe-se que está em inglês, o que nos leva a perceber que essa hashtag se filia a um movimento mundial. Com base nessa observação,

questionamos o porquê de não ter sido feita a tradução no Brasil, porque, como o próprio nome traduzido diz, é expor algo que estava sendo escondido, encoberto. Porque não fizeram circular a tradução #expor? Quando se pesquisa determinada hashtag, percebe-se que há muitas outras derivadas e relacionadas a temas semelhantes, e todas elas relacionadas diretamente à exposição de comportamentos polêmicos. Por exemplo, da #meuamigosecreto você tem como derivada a #meuracistasecreto. Da #exposed você tem dentre muitas outras a #prazervagabunda. São movimentos em série que vão acontecendo e formando um enorme arquivo próprio do digital.

Podemos citar aqui algumas das principais hashtags de campanhas militantes na internet, principalmente no Twitter: #Euvoucontar, #MeuAmigoSecreto, #Exposed, #MeToo; O que todas elas têm em comum com o que estamos analisando? É o fato de tornar público algo que é privado, silenciado, acobertado, violências que acontecem nesse âmbito do privado. Filiar-se a essa hashtag é de alguma forma inscrever-se em um arquivo, e esse arquivo, diferente do arquivo jurídico, não se aprofunda em um caso específico, ele cria o efeito de movimentos em série, que é típico do digital. Ao pesquisar sobre esse movimento em série da hashtag, encontramos um movimento semelhante, em que um grupo de mulheres criou uma outra hashtag, derivada do movimento #exposed, que é a #prazervagabunda, que foi criada para apoiar mulheres chamadas de "vagabunda" após exporem assédio e outros abusos.

A #prazervagabunda começou a circular no Twitter, inclusive é possível ver na sessão dos comentários, vários comentários desrespeitosos, ofensivos, como: "Vai lá, vagabunda, belo exemplo pras crianças hein?? FEMINISMO é uma DOENÇA, muitas sofreram uma lavagem cerebral, então é criminoso vcs incentivarem isso pra crianças, meninas de 13, 15 anos são crianças a entrarem nessa onda...lamentavel...". A circulação da hashtag se deu após surgir um perfil falso criado no Facebook incentivando que as vítimas de assédio sexual fizessem as denúncias ali. No entanto, o responsável pela conta passou a expor essas mulheres e desmentir as denúncias, chamando-as de "vagabundas".

Para o gesto analítico, é importante pensar no próprio fato de que está sendo feita uma captura de tela, que é algo próprio do ambiente digital, pois não se pode fazer uma captura de tela de alguém falando, por exemplo, pode-se fotografar, mas a captura de tela é algo próprio do ambiente digital, você só pode fazer a captura de tela neste ambiente. A circulação das capturas de tela na internet produz um deslocamento, especialmente em termos de

funcionamento do digital nessa relação público x privado. E esse deslocamento ocorre quando se traz ao público algo que era privado. Para Orlandi (2001), a circulação é importante também para a produção de discursos, em conjunto com a formulação e a constituição desses discursos. Portanto, a maneira como os discursos circulam é também parte desse processo de significação. É necessário, porém, esclarecer que a forma como o discurso circula não é o mesmo que suporte.

Os casos de assédio sexual no ambiente digital pode ser considerado um acontecimento discursivo, que segundo Pêcheux (2015, p. 17) é o “ponto de encontro de uma atualidade e uma memória”, sendo a atualidade o interdiscurso e a memória o intradiscurso, esse cruzamento entre eles se dá na formulação que se constitui pelos já-ditos e pelos dizeres do sujeito. No entanto, Pêcheux (2015, p. 56), enuncia que a noção de acontecimento discursivo não entende o discurso apenas como um “aerólito miraculoso, independente das redes de memória e dos trajetos sociais nos quais ele irrompe”, pois a memória tratada na AD é a memória social, que funciona pelas práticas discursivas (PÊCHEUX, 1999).

A partir do acontecimento no digital, o que o sujeito enuncia é afetado pelos sentidos de violência de gênero, de assédio sexual. Parafraseando Orlandi (1996, p. 81), “algo do mesmo está nesse diferente; pelo processo de produção de sentidos, necessariamente sujeito ao deslize, há sempre um possível ‘outro’, mas que constitui o mesmo”, pensamos como regularidade entre o que acontece no real e no virtual, esse mesmo que acontece no novo, e que faz desse novo (espaço digital) um espelho do que acontece no mundo real, ou seja, no espaço público. Ou seja, aquilo o que se faz fora da internet, fora de plataformas do metaverso, pode sim ser levado para dentro desses espaços, fazendo com que se reproduzam discursos que são produzidos no espaço público, enunciados machistas, sexistas, racistas, discursos de ódio, etc. É o real refletido no simbólico.

Segundo França (2016, p. 83), o digital não está em uma posição dualista. Se fosse o caso, o digital se oporia ao que não faz parte da internet, ou seja, ao que estaria no mundo off-line. A autora enuncia que:

Uma concepção assim – dualista – estaria apoiando-se em um efeito de evidência que colocaria o digital seja em um suposto “dentro”, projetando, assim, um “fora” dele como o “mundo real”, seja colocando o digital em um “fora” das trocas reais, concretas, pessoais, e projetando, assim, um “dentro” onde estaria o “mundo real”. (FRANÇA, 2016, p. 83)

Portanto, consideramos também que o ambiente digital está materialmente ligado ao "mundo real", na perspectiva discursiva, e sabe-se que o assédio sexual ocorre também nos espaços públicos e físicos, e que talvez o meio digital não seja o ambiente mais "privilegiado" que outros espaços para essas situações. Portanto, podemos dizer que o ambiente digital é uma extensão do espaço público, uma espécie de ramificação do "mundo real", ou seja, do espaço físico, do offline. A exemplo de que o espaço digital não se opõe ao físico é o Movimento Feminista Marcha das Vadias, em que é possível perceber discursos reproduzidos na rua e nas redes sociais da internet.

2.2 A constituição do corpus e as condições de produção do discurso

Partimos para uma descrição um pouco mais detalhada das condições de produção das materialidades digitais analisadas nesta pesquisa. Segundo Pêcheux (1997 [1969], p. 74) um discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas, e de acordo com o autor o processo de produção do discurso trata-se de um “conjunto de mecanismos formais que produzem um discurso de tipo dado em ‘circunstâncias’ dadas”, sendo essas circunstâncias as condições de produção do discurso, que nos permitem compreender tanto os sujeitos, quanto determinadas situações relacionadas à memória discursiva. Segundo Orlandi (2012), podemos considerar as condições de produção tanto no sentido estrito, quanto no sentido amplo, ou seja, tanto quando nos referimos ao contexto imediato, como também, quando nos referimos ao contexto sócio-histórico e ideológico.

O corpus da pesquisa foi coletado de dois tipos de fonte, uma delas é o Twitter, onde é comum as postagens virem em forma de denúncia, acompanhadas por hashtag, em especial a hashtag do movimento #Exposed. É onde acontece esse movimento, e é principalmente onde circula a hashtag de denúncia, seja a #exposed ou outras hashtags de igual importância, como a #meuprimeiroassedio, #meuamigosecreto, #metoo etc. A outra fonte trata-se dos portais de notícias que divulgam as capturas de tela das conversas privadas, como o R7, G1, OCPNews, Portal da Cidade Brumadinho e do site Canaltech. E essas capturas de tela são publicadas primeiramente no Twitter, acompanhadas de alguma hashtag de denúncia, e em seguida, depois de já circular no Twitter, elas são publicadas também nesses portais de notícias.

Os enunciados circulam nos mesmos espaços, isto é, tanto nas redes sociais quanto em portais de notícias, apesar de acontecerem em momentos distintos. Sua formulação se deu

em textos digitais, circulando primeiramente no espaço privado, em seguida no espaço público de comunicação, visto que foram produzidos de forma privada, vindo à público através da publicização das capturas de tela, tanto nos portais de notícias, quanto no Twitter com o apoio do movimento de exposição #Exposed. Isso nos leva em direção à discussão das tensões entre pessoal x político e público x privado, que são atualizadas no âmbito do digital, guardando assim a relação com a materialidade do discurso digital.

Após essa descrição das condições de produção materiais dos discursos que circulam no ambiente digital, questionamos: Que memórias é possível resgatar, que estão filiadas a esses discursos, a esse efeito de lugar privado, efeitos de lugar silenciado, e que é exposto? Quais os sentidos de ser mulher e de ser homem são postos em circulação nesses discursos?

A seguir, temos as materialidades coletadas, e que são analisadas nesta pesquisa:

Figura 03 - Primeira captura de tela do Portal R7



Fonte: R7.com⁷. Acesso em: 15 set. 2021

Figura 04 - Segunda captura de tela do Portal R7

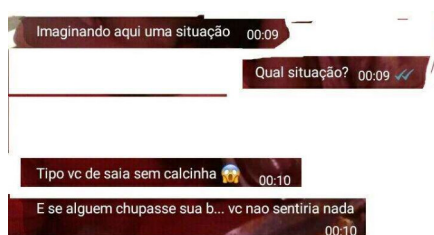


Fonte: R7.com⁸. Acesso em: 15 set. 2021

⁷ <<https://noticias.r7.com/educacao/voce-e-uma-tentacao-adolescentes-acusam-professor-de-assedio-05012017>> Acesso em: 15/09/2021

⁸ <<https://noticias.r7.com/educacao/voce-e-uma-tentacao-adolescentes-acusam-professor-de-assedio-05012017>> Acesso em: 15/09/2021

Figura 05 - Primeira captura de tela do Twitter



Fonte: Twitter⁹. Acesso em: 15 set. 2021

Figura 06 - Segunda captura de tela do Twitter



Fonte: Twitter¹⁰. Acesso em: 15 set. 2021

Figura 07 - Terceira captura de tela do Portal R7



Fonte: R7.com¹¹. Acesso em: 15 set. 2021

⁹< https://mobile.twitter.com/catita_ze/status/1267551153228824576/photo/2> Acesso em 15/09/2021

¹⁰< <https://mobile.twitter.com/fmexposed2/status/1275935698105896969>> Acesso em: 15/09/2021

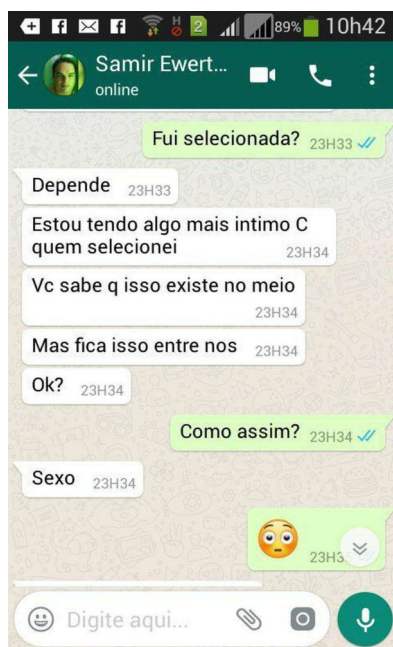
¹¹ <<https://noticias.r7.com/educacao/voce-e-uma-tentacao-adolescentes-acusam-professor-de-assedio-05012017>> Acesso em: 15/09/2021

Figura 08 - Captura de tela do Portal da Cidade Brumadinho



Fonte: Portal da Cidade Brumadinho¹². Acesso em: 15 março 2022

Figura 09 - Captura de tela do G1 da Globo

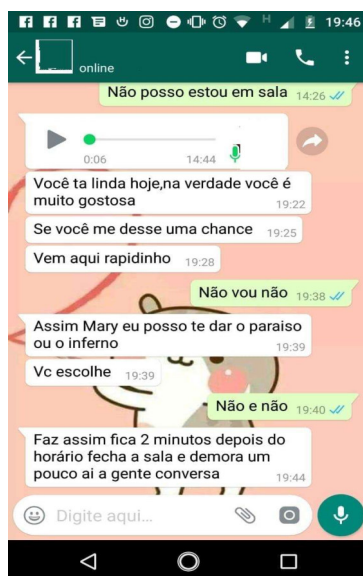


Fonte: G1¹³. Acesso em 22 de março de 2022

¹² <<https://brumadinho.portaldacidade.com/noticias/policial/mulheres-de-brumadinho-expoem-assedios-sofridos-na-internet-e-ganham-forca-3754>> Acesso em 15 de março de 2022

¹³ <<https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/radialista-e-denunciado-por-assedio-sexual-no-maranhao.ghtml>> Acesso em 22 de março de 2022

Figura 10 - Captura de tela da OCPNews



Fonte: OCPNews¹⁴. Acesso em 27 fev. 2022

Figura 11 - Captura de tela do Canaltech



Fonte: Canaltech¹⁵. Acesso em 27 fev. 2022

¹⁴ <<https://ocp.news/seguranca/diretor-de-escola-e-denunciado-por-assedio-em-guaramirim>> Acesso em 27 de fevereiro de 2022

¹⁵ <<https://canaltech.com.br/redes-sociais/assedio-sexual-pelas-redes-sociais-tambem-pode-ser-considerado-crime-54641/>> Acesso em 27 de fevereiro de 2022

2.3 o arquivo jurídico e midiático em torno do assédio sexual

Montamos um "arquivo geral" a partir de diversas campanhas da internet, no Twitter, de hashtags levantadas por mulheres denunciando violências, leis que punem o assédio sexual, denúncias em portais de notícias, comentários postados nas publicações das capturas de tela de conversas privadas, e de notícias sobre o que se fala na internet sobre os movimentos de exposição e sobre o assédio sexual virtual. Esse arquivo geral foi montado a partir da hashtag principal do corpus, que é a #Exposed. A partir dessa hashtag principal, fomos montando o arquivo geral, que é composto por produções discursivas que circulam no digital, mas também pelo discurso jurídico. Neste arquivo, temos não apenas as capturas de tela com as conversas privadas, mas também os comentários feitos na publicação, as respostas dessas mulheres, algumas até debochadas, irônicas, que dão corda, mas que ao mesmo tempo denunciam, e dessa forma, mostram que a mulher não é uma figura boba e passiva, como está no imaginário de muitos.

Segundo Zoppi-Fontana (2005, p. 5), o funcionamento do arquivo jurídico é caracterizado pela produtividade do acúmulo, pela ilusão de completude, pelos efeitos de congelamento de uma escritura no tempo. Segundo esta autora:

O arquivo jurídico cristaliza um gesto de leitura no/do arquivo que desconhece um seu exterior, que apaga a referência a discursos outros, que se concentra sobre si mesmo, estabelecendo uma rede interna de citações datadas, de referências intertextuais precisas, que produzem um efeito de completude do corpo de leis que constituem o arquivo. (Zoppi-Fontana, 2005, p. 05)

Para Zoppi-Fontana (2005, p. 02), o funcionamento do arquivo jurídico, é o processo parafrástico da escrita da lei que se relança sobre si mesma, em uma redação de novos textos legais e ainda na construção de uma jurisprudência projetada sobre os fatos, que categorize tanto acontecimentos passados, quanto presentes, além de antecipar acontecimentos futuros. Feitas essas considerações sobre arquivo jurídico, segundo Zoppi-Fontana (2005), questionamos: O que é assédio sexual? Quais os limites e contradições do que é assédio sexual? Como a vítima é nomeada? Como o agressor é nomeado? Em nosso arquivo jurídico e midiático em torno do assédio sexual no ambiente digital, inserimos também reportagens de blogs, sites e portais de notícias, sobre o que se fala sobre essas questões.

Montado o arquivo jurídico, pensamos no que se fala na internet sobre o que é assédio sexual virtual. Vejamos a seguir capturas de tela de dois portais de notícias, com matérias sobre o que é o assédio virtual e a importunação sexual:

Figura 12 – Captura de tela de Migalhas



Disponível em: <<https://www.migalhas.com.br/depeso/366628/o-que-e-assedio-virtual>>
Acesso em: 05 nov. 2022

Figura 13 – Captura de tela do G1



Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/10/20/importunacao-sexual-enviar-nudes-sem-consentimento-e-crime-entenda.ghtml>> Acesso em: 05 nov. 2022

Segundo o que diz a notícia de Migalhas de Peso (2022)¹⁶, as práticas que podem configurar assédio virtual, são: envio de fotos íntimas de terceiros sem aprovação; envio de mensagens com conotação sexual; propagação de discursos de ódio contra um indivíduo ou determinado grupo de pessoas; divulgação não autorizada de dados de terceiros; comentários pejorativos em face de terceiros nas redes sociais; instigação à violência; difusão de rumores

¹⁶ Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/depeso/366628/o-que-e-assedio-virtual>. Acesso em 05 nov. 2022

ou boatos que afetem a honra de terceiros. A notícia além de trazer um conceito de assédio virtual, incluindo o assédio sexual que ocorre no ambiente digital, também alerta para o que se pode fazer em situações dessa natureza, além de apontar algumas leis nas quais o ato pode ser enquadrado. Já segundo a reportagem do G1 (2022)¹⁷, a importunação sexual é o ato libidinoso praticado contra alguém, sem sua autorização, com intuito de satisfazer desejo próprio ou de terceiro, e ressalta ainda que a lei não restringe o ambiente em que ocorre essa importunação, que pode ser também no ambiente virtual.

Ainda segundo informações da reportagem feita pelo G1 (2022), que entrevistou uma advogada criminalista e coordenadora do Curso de Direito da Facha, no crime de importunação sexual, "o próprio agente pratica, não obriga a vítima a fazer nada. Se ele obrigar a vítima a fazer algo, com violência ou ameaça, vira um outro crime muito mais grave, que é o de estupro". Pensando nessas afirmações, voltamos aos enunciados das capturas de tela, em que é possível perceber que o indivíduo que assedia não está de fato obrigando a mulher a conversar com ele, não há ameaças explícitas, contudo, há sim a intimidação, colocando sua posição de superioridade à frente para obter vantagem sobre a vítima.

O que é assédio sexual, segundo a Justiça? Segundo o Art. 216-A. incluído pela Lei nº 10.224, de 15 de 2001:

Art. 216-A. É o ato de constranger alguém com o intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual, prevalecendo-se o agente da sua condição de superior hierárquico ou ascendência inerentes ao exercício de emprego, cargo ou função. Sob pena de detenção, de 1 (um) a 2 (dois) anos, sendo aumentada em até um terço se a vítima for menor de 18 (dezoito) anos (Incluído pela Lei nº 12.015, de 2009).

Pensemos agora em nosso material de análise, temos sujeitos em posição social, condições hierárquicas, superiores às das mulheres que sofreram o assédio, ou seja, professores e chefes de trabalho, que se valem de sua posição superior hierárquica para buscar obter favorecimento sexual. Partindo desse pressuposto, e tomando os lugares discursivos na dimensão dessas relações de poder, é que nos permite compreender a prática discursiva que estamos analisando como assédio sexual. No entanto, faz-se necessário frisar que vai além do termo "assédio sexual", pois analisamos no âmbito do digital, ou seja, o assédio sexual virtual, que não necessariamente acontece entre sujeitos em posições sociais

¹⁷ Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/10/20/importunacao-sexual-enviar-nudes-sem-consentimento-e-crime-entenda.ghtml>. Acesso em 05 nov. 2022

e/ou hierárquicas diferentes. Chama a atenção a informação de que não há ainda uma lei específica que criminalize nominalmente o assédio sexual virtual. Partindo da premissa de que para haver crime tem que ser inventado, surge o questionamento: O assédio sexual virtual ainda não foi inventado, e portanto não é crime? Quando é denunciado, se enquadra nas leis que punem crimes ligados à honra, como calúnia e difamação, além de importunação sexual, ou seja, é um crime que persiste, mas juridicamente não existe, se formos seguir o literal, "ao pé da letra". A busca pela lei que tipifica o assédio sexual nos levou para a lei na qual melhor se enquadra o assédio sexual virtual, que é a importunação sexual. Importunação sexual, segundo o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 é:

Art. 215-A. Praticar contra alguém e sem a sua anuência ato libidinoso com o objetivo de satisfazer a própria lascívia ou a de terceiro." (Incluído pela Lei nº 13.718, de 2018). "Pena - reclusão, de 1 (um) a 5 (cinco) anos, se o ato não constitui crime mais grave." (Incluído pela Lei nº 13.718, de 2018)

Portanto, juridicamente, o assédio sexual virtual se configura como importunação sexual, pois não se distingue o ambiente em que acontece, seja no virtual ou nas ruas, no público ou no privado, independente da posição social e/ou hierárquica de ambas as partes. No entanto, seguimos com a denominação de "assédio sexual virtual", uma extensão do assédio sexual, que acontece no espaço digital, mas que não se restringe à ele, pois como veremos a seguir, o espaço digital é uma ramificação do "mundo real", do "aqui fora", do espaço público onde podemos ver quem está "do outro lado". O assédio sexual como objeto discursivo está atribuindo aos sujeitos da conversa privada os sentidos de vítima e de assediador. Por outro lado, conforme trabalhamos em nosso artigo intitulado "Assédio sexual no ambiente digital: lugares discursivos e contradições" (no prelo), em co-autoria com a prof^a dra. Glória França e com a prof^a dra. Mariana Cestari, o movimento de exposição, de publicização das capturas de tela, instaura um interlocutor difuso, com condições de tomar providências, e que é significado como "opinião pública", e também o Ministério Público, com condições de agir no campo jurídico.

3 Perspectivas teóricas

Esta pesquisa busca amparo nos preceitos da Análise do Discurso de vertente materialista, porque esta trabalha o que nos interessa pesquisar, ou seja, "a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos

enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade" (Orlandi, 2015, p. 16). Nos apoiamos no arcabouço teórico-metodológico da Análise de Discurso materialista e nos embasamos, principalmente, nos estudos de Michel Pêcheux, bem como nos de seus precursores no Brasil, como Eni Orlandi, Freda Indursky, entre outros.

A pesquisa ainda tratará do conceito de discurso e das categorias de formação discursiva, de memória, de interdiscurso, postulados por Pêcheux (2014 [1975]; 1999 [1983]; 2012a [1973]; 2012b [1984]; 2008 [1983]; 1997 [1975]), na noção de ideologia por Orlandi (2015), a categoria denúncia, trabalhada por Payer (2006), tendo ainda como aporte teórico para a discussão de gênero e raça outros autores como Fantinel (2018) que fez um estudo discursivo sobre as vozes do assediador e da vítima, Chaves (2015) e França (2018), que trabalham principalmente as discussões gênero-raça, e França (2016) sobre ambiente digital.

Não pretendemos aqui fazer um histórico enfadonho com todos os conceitos constituintes da AD materialista. Neste breve capítulo, recortamos alguns dos conceitos e noções que compõem o quadro teórico de referência que nos levarão à análise do corpus da pesquisa.

A AD surgiu nos anos 60, buscando problematizar a relação do sujeito com o sentido, ou seja, a relação da língua com a história. Para chegar a esse objetivo, a AD constitui-se em um determinado quadro epistemológico, que lhe é próprio, residindo na articulação de três campos do conhecimento científico um tanto contraditórios, que são o Materialismo histórico, com a teoria das ideologias; a Linguística, envolvendo a teoria da enunciação e da sintaxe, e a Teoria do discurso, como teoria de determinação histórica, no que diz respeito aos processos de significação. Esses campos do conhecimento científico são articulados e atravessados pela teoria da subjetividade do campo da psicanálise (Pêcheux e Fuchs, 1975).

O Materialismo histórico, a Linguística e a Teoria do discurso, em conjunto, representam uma posição crítica que é tomada após o surgimento da AD, a partir da década de 60, e coloca a noção de leitura e de interpretação em suspenso, desestabilizando ainda a relação do sujeito com o sentido (Orlandi, 2015). Dessa forma, o discurso acaba sendo o objeto de estudo da AD, tendo o objetivo de criar desestabilização dos sentidos, possibilitando que ocorram múltiplas significações que constituem tanto os sujeitos quanto a sociedade, na história.

Essas significações são buscadas na exterioridade material e ideológica, e não devem ser buscadas no interior de palavras e/ou de textos. Essa exterioridade, por ser histórica, não é encontrada dentro dos textos, nem fora dele, e muito menos é complementar, pois a história é constitutiva na AD. Nesse caso, o texto é uma materialidade histórica em que os sentidos e os sujeitos constituem-se mutuamente. Dessa forma, compreende-se a maneira como um texto produz sentidos, considerando também que é pela relação constitutiva com a estrutura e o acontecimento que o sentido é construído.

Por ser o discurso o objeto de estudo da AD, o texto é a sua unidade de análise, que se apresenta como manifestação material concreta do discurso. Pensando o discurso em sua materialidade, o analista de discurso pode chegar na memória, na ideologia, nos processos etc. Resumindo, o texto seria um tipo de observatório do funcionamento do simbólico (Orlandi, 2012).

Analisar o discurso significa dizer que iremos explicitar a forma da articulação da língua com a ideologia, e como elas são afetadas mutuamente. E para isso, buscamos apoio nos estudos do discurso trabalhados por Michel Pêcheux, que apresenta o conceito de discurso, e segundo o autor

chamaremos discurso uma sequência linguística de dimensão variável, geralmente superior a frase, referida às condições que determinam a produção dessa sequência em relação a outros discursos, sendo essas condições propriedades ligadas ao lugar daquele que fala e àquele que o discurso visa, isto é, àquele a quem se dirige formal ou informalmente, e ao que é visado através do discurso. (PÊCHEUX, 2012a [1973], p. 214)

Pêcheux (2012a [1973]) mostra um cuidado em esclarecer que um discurso se constitui apenas em sua relação histórica, quando se relaciona a outros discursos já ditos, e não em uma relação isolada de condições de produção. Essas condições de produção estão ligadas ao lugar de fala, tanto daquele que fala, quanto daquele para quem o discurso é direcionado. Retomando e reforçando os estudos dos postulados de Pêcheux sobre o discurso, Orlandi (2001) afirma que o discurso, em sua materialidade simbólica, é efeito de sentidos entre locutores, e traz em si as marcas da articulação da língua com a história para significar. Nota-se a importância da língua como prática necessária para a relação entre os sujeitos, e é pela língua que se veicula o discurso, sendo então, atravessado pela ideologia.

Para Orlandi (2015, p. 22) "o discurso tem sua regularidade, em seu funcionamento que é possível apreender se não opomos o social e o histórico, o sistema e a realização, o

subjetivo e o objetivo, o processo ao produto". Nota-se que para identificar a regularidade do discurso, é necessário considerar sempre o conjunto, principalmente no que diz respeito ao social e ao histórico, pois é assim que são construídos os discursos, o social em conjunto com o histórico. A autora enuncia ainda que o discurso é o lugar em que podemos observar as relações entre a língua e a ideologia, para compreender como a língua produz sentidos por/para sujeitos. Introduzindo o assunto sobre ideologia, Orlandi (2015) afirma que

Ao falarmos nos filiamos a redes de sentidos mas não aprendemos como fazê-lo, ficando ao sabor da ideologia e do inconsciente. Por que somos afetados por certos sentidos e não outros? Fica por conta da história e do acaso, do jogo da língua e do equívoco que constitui nossa relação com eles. Mas certamente o fazemos determinados por nossa relação com a língua e a história, por nossa experiência simbólica e de mundo, através da ideologia. (ORLANDI, 2015, p. 34)

Orlandi (2015) fala que, enquanto prática significativa, a ideologia aparece como efeito da relação do sujeito com a língua e com a história, para que haja sentidos. Essa relação só é possível porque a ideologia intervém com seu modo de funcionamento imaginário. E as redes de sentidos a qual nos filiamos ao falarmos, já estão lá, construídas também pela ideologia, estando por conta ainda da história e do acaso, da língua e do equívoco, mas sempre somos afetados por alguns sentidos, determinados por meio de nossa relação com a língua e com a história, não separadas, mas em conjunto, sempre através da ideologia. É essa relação que faz com que sejamos afetados por alguns sentidos e não outros.

É necessário fazer essa abordagem sobre ideologia para entendermos como os sentidos são constituídos, e Orlandi (2015) afirma que estes só se constituem pela ideologia e que, aliás, não há realidade sem ideologia, pois ela é a condição para a constituição não só dos sentidos, mas também dos sujeitos. Esse processo ocorre quando a ideologia interpela os indivíduos em sujeito, fazendo-os produzir um dizer que na verdade não é seu, ou seja, não teve origem nesse indivíduo, pois ele está reproduzindo um dizer já dito antes, formulado em outro lugar e por outro sujeito, sendo retomado por ele sem que tenha consciência disso.

Segundo Indursky (2013, p. 35) o sujeito produz seu discurso a partir de determinadas posições de sujeito, porém elas não dão o passe livre para que ele escolha o seu discurso. A autora afirma que "para a AD, a categoria de sujeito não é idealista por ser interpelada ideologicamente" (Idem), e que o sujeito, ao produzir seu discurso, o produz a partir de determinadas posições de sujeito, igualmente ideológicas. Essas posições, não transformam

o sujeito em uma figura que pode decidir livremente seu discurso, pois ele é um sujeito constituído socialmente.

O que acontece é que o sujeito não tem consciência de seu assujeitamento, e por isso acredita ser ele o responsável, ou seja, a origem de seu discurso. Esse é o mesmo termo de Ideologia defendido por Pêcheux (2014 [1975]), que afirma que o conceito de Ideologia em geral aparece especificamente como meio de mostrar que as relações de produção ocorrem entre homens, e não entre coisas não-humanas. Pêcheux (2014 [1975], p. 138) diz que "o conceito de Ideologia em geral permite pensar "o homem" como "animal ideológico", isto é, pensar sua especificidade enquanto parte da natureza". Pêcheux (2014 [1975]) afirma ainda que o sujeito é desde sempre um indivíduo interpelado em sujeito, e isso só é possível através da ideologia, que é a responsável por essa interpelação. Pêcheux (2014 [1975]) enuncia que

É a ideologia que fornece as evidências pelas quais "todo mundo sabe" o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado "queiram dizer o que realmente dizem" e que mascaram, assim, sob a "transparência da linguagem" aquilo que chamaremos o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados. (PÊCHEUX, 2014 [1975], p. 146)

A ideologia tem o trabalho de produzir evidências, que colocam o homem em uma relação imaginária com suas condições materiais de existência (ORLANDI, 2015). Essas evidências fazem com que enunciados e palavras queiram dizer o que realmente dizem, como enuncia Pêcheux (2014 [1975]). É a mesma ideologia que fornece as evidências pelas quais "todo mundo sabe" o que é um assediador, por exemplo. A ideologia, então, intervém com o imaginário, interpelando o indivíduo para que produza seu dizer, que recebe os sentidos de formações discursivas (FD) e dependendo da FD na qual se inscreve, pode produzir diferentes sentidos. Isso se justifica também na fala de Pêcheux (2014 [1975], p. 147) que afirma que "uma palavra, uma expressão ou uma proposição não tem um sentido que lhe seja "próprio", vinculado a sua literalidade", portanto podem receber sentidos diferentes, sendo este constituído em cada FD.

Dessa forma, ressalto aqui que determinadas expressões proferidas pelo agressor para a agredida podem ter um sentido diferente do que teria se estivesse inscrito em uma outra formação discursiva, um exemplo disso são os adjetivos usados para alimento que geralmente são usados por esses sujeitos para se referirem à mulher, como veremos a seguir os adjetivos "gostosa" e "delícia". Os sentidos desses significantes deslizam do lugar de

adjetivos que se referem ao paladar, para significar as mulheres como bonitas e sensuais. As condições de produção interferem nas relações de força, que funcionam no interior do discurso presente nos enunciados nos quais esses adjetivos fazem parte. Pode-se dizer que as relações de forças produzem diversos efeitos que não são necessariamente os mesmos, efeitos de diferentes ordens. Diante disso, percebemos que nos enunciados dos professores, as condições de produção permitiram que algumas práticas discursivas pudessem ser repetidas, preservando lugar para discursos já cristalizados. É possível perceber no dizer dos sujeitos em posição de assediadores, a ideologia predominante que os atravessa, que é uma ideologia machista, enraizada no Patriarcado, inferiorizando a mulher enquanto empodera o homem, fazendo com que a mulher seja vista como a responsável pelo crime cometido por ele. Sobre isso, Fantinel (2018) afirma que

O agressor (v1) agride e responsabiliza a agredida (v2A): eis a relação criada pela sua voz. Percebe-se, então, uma inversão de papéis, pois, para o agressor, é como se ele estivesse agindo adequadamente e sua vítima rompesse o ritual, pois ela deveria aceitar passivamente a violação do que lhe é mais íntimo. A vítima, a agredida, a abusada passa, então, a ser a vitimizadora, a culpada e a responsável pela conduta transgressora do agressor, que não o seria, não fosse a atitude dela. (FANTINEL, 2018, p. 22)

Entendemos com isso que, o agressor, além de cometer o abuso, quando é confrontado, ainda culpabiliza a mulher pelo seu crime, por estar inserido em uma FD que vê a mulher como objeto de satisfação do prazer masculino, atravessado por uma ideologia machista. É dentro dessas formações ideológicas que a FD determina o que pode e deve ser dito, e dessa forma as palavras adquirem seus sentidos. Cada formação ideológica, segundo Pêcheux (1997 [1975]), constitui um conjunto complexo de atitudes e representações, que se relacionam diretamente às posições de classes que estão em conflito umas com as outras, e por isso essas atitudes e representações não são individuais nem universais.

É necessário, portanto, compreender a noção de FD, para que se possa entender como os mesmos termos produzem sentidos diferentes. Uma FD seleciona e controla tudo aquilo que pertence ou não a uma conjuntura dada, não sendo fechada em si mesma, pois recebe os elementos discursivos que vêm de outras FDs o tempo inteiro. Pêcheux (1997 [1975] p. 314) diz que "uma FD não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente 'invadida' por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras FD) que se repetem nela".

Orlandi (2015, p. 43) diz que a FD "se define como aquilo que numa formação ideológica dada - ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica

dada - determina o que pode e deve ser dito". É possível compreender o processo de produção dos sentidos pela referência à formação discursiva, e ressaltar aqui, parafraseando Orlandi (2015) que palavras iguais podem sim ter diferentes significados por conta da FD na qual está inserida. Aquilo que para mim tem um sentido, para o outro tem um sentido diferente, pois não é o sujeito que determina o sentido de "seu" dizer, os sentidos estão ligados à FD e dependem dela para existir.

Orlandi (2015) afirma que os sentidos resultam de relações, e que os discursos estão sempre relacionados uns com os outros, ou seja:

Um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros. Todo discurso é visto como um estado de um processo discursivo mais amplo, contínuo. Não há, desse modo, começo absoluto nem ponto final para o discurso. Um dizer tem relação com outros dizeres, realizados, imaginados ou possíveis. (ORLANDI, 2015, p. 39).

São essas relações que o discurso tem com outros discursos que faz com que o sentido seja um e não outro, podendo o sujeito antecipar-se quanto ao sentido de seu dizer, pois, segundo a autora, todo sujeito tem a capacidade de colocar-se no lugar em que seu interlocutor o ouve, o que nos leva a crer que o sujeito dirá de uma forma ou de outra pois pensa, de acordo com o sentido que ele pensa produzir em seu interlocutor. Com base nessas afirmações de Orlandi (2015), questionamos: Será que o sujeito que assedia, o faz pensando em produzir determinado sentido na vítima, e o diz de uma forma ou de outra? Não podemos deixar passar que os sentidos podem sempre ser outros.

Como vemos que os sentidos são dependentes das FDs, e um está ligado ao outro, podemos falar sobre a ilusão do sujeito sobre o que determina o sentido de seu discurso, no caso do assediador que quer se esquivar da culpa de seu crime, defendendo que não foi sua intenção assediar a mulher - que está em posição de vítima - mas sim elogiá-la. Nesse cenário surge o gaslighting, uma forma de abuso psicológico em que informações são manipuladas até que a vítima não acredite mais na própria percepção da realidade, e designa o jogo entre o que se pensa e o que de fato aconteceu, segundo o agressor. Nesse caso, Orlandi (2015) fala que não são as intenções de quem fala que determinam os sentidos, pois é necessário referi-lo às suas condições de produção, para estabelecer as relações que o sentido mantém com sua memória, e ainda remetê-lo a uma FD e não outra. Para que um discurso faça sentido em "minhas" palavras, é necessário primeiro que ele se apague na memória, pois já foi dito antes por um sujeito específico em determinado momento, e isto é efeito do interdiscurso

que segundo Orlandi (2015) é a memória afetada pelo esquecimento. Para Indursky (2011) a noção de memória discursiva e interdiscurso, por mais parecidas que sejam não são as mesmas coisas, e afirma que

Pensava-se sobre memória, mas sob outras designações, como, por exemplo, repetição, pré-construído, discurso transverso, interdiscurso. Estas noções foram formuladas no âmbito da Teoria da Análise do Discurso e encontram-se reunidas em *Semântica e Discurso* (Pêcheux 1975[1988]). Todas remetem, de uma forma ou de outra, à noção de memória. Mais exatamente, trata-se de diferentes funcionamentos discursivos através dos quais a memória se materializa no discurso. (INDURSKY, 2011, p. 68)

Vemos aqui que para Indursky (2011) memória e interdiscurso têm conceitos diferentes, muito embora sejam confundidos facilmente, pois o interdiscurso é um dos funcionamentos discursivos que permite que a memória se materialize no discurso, assim como a repetição, o pré-construído e o discurso transverso. Esses funcionamentos dependem da memória para significar e a memória depende deles para se materializar no discurso do sujeito. E a diferença entre interdiscurso e memória discursiva está no fato de esta última ser regionalizada, ou seja, é circunscrita ao que pode ser dito em uma FD, e isso a torna lacunar. Porém o interdiscurso é totalmente saturado, pois reúne todos os sentidos produzidos pelas vozes já esquecidas, e a memória não abarca todos esses sentidos como o interdiscurso, mas apenas aqueles autorizados pela Forma-Sujeito dentro de uma formação discursiva. Uma característica essencial da noção de memória é que o sujeito produz seu discurso sob o regime da repetibilidade, porém afetado pelo esquecimento. Indursky (2011) fala que:

Assim, chegamos às primeiras reflexões em torno de memória: se há repetição é porque há retomada/regularização de sentidos que vão constituir uma memória que é social, mesmo que esta se apresente ao sujeito do discurso revestida da ordem do não-sabido. São os discursos em circulação, urdidos, em linguagem e tramados pelo tecido sócio-histórico, que são retomados, repetidos, regularizados. (INDURSKY, 2011, p. 71)

Vemos que o sujeito não é a origem de "seu" dizer, tampouco dos sentidos, portanto pode-se dizer que há uma repetição tanto de discursos como de sentidos, permitindo que haja a regularização de sentidos, constituindo uma memória que é social. Através da repetição do discurso é que a memória social é mobilizada, permitindo uma regularização de sentidos. E a natureza dessa repetição é anônima, ou seja, da ordem do não-sabido, podendo levar a um deslizamento, a uma quebra do regime de regularização dos sentidos. E nesta pesquisa

também investigamos se há essa ressignificação no discurso dos sujeitos que estão em posição de assediadores.

Orlandi (2015) enuncia que podemos considerar as condições de produção no sentido estrito, considerando as circunstâncias da enunciação, ou seja, o contexto imediato. E, se considerarmos essas condições de produção em sentido amplo, elas incluem também o contexto sócio-histórico e ideológico.

Trabalhamos ao longo dos capítulos com os principais conceitos da AD, e as relações com a memória discursiva explicaremos detalhadamente no decorrer do capítulo 3. E nesse capítulo, buscamos falar das condições de produção do assédio sexual, situando algumas questões centrais no problema que o objeto de pesquisa impõe, isto é, questões sobre os sentidos de ser mulher no imaginário masculino. Devemos analisá-los considerando sua relação com a exterioridade, como o discurso que os enreda e que constituem os sujeitos e os sentidos. Para isso, é necessário considerarmos a noção de materialidade discursiva, segundo Pêcheux, ou seja, em sua existência sócio-histórica.

Segundo Pêcheux (2012b [1984], p. 151-152) a materialidade discursiva não é nem língua, nem literatura, ou ainda mentalidades de uma época, ela remete às condições verbais de existência dos objetos, sejam científicos, estéticos ou ideológicos, em uma determinada conjuntura histórica. Considerando essa noção de materialidade discursiva, faz-se necessário analisar os sentidos de mulher no funcionamento do discurso de assediadores no espaço digital, e de acordo com Orlandi (2001, p. 121) “[...] os sentidos são como se constituem, como se formulam e como circulam”. Não devemos pensar a circulação desses sentidos como um mero meio do dizer, pois desta forma reduziremos seu papel apenas como canal de comunicação, mas devemos problematizar a forma como ela produz funcionamentos sócio-historicamente. Dito isso, iniciamos o próximo subcapítulo fazendo uma reflexão sobre a denúncia no ambiente digital, em seguida, falamos sobre lugares de enunciação e lugares discursivos.

3.1 a denúncia no ambiente digital

Uma das categorias de análise centrais de nossa pesquisa é a denúncia, que de acordo com Modesto (2015, p. 159), "tem recebido bastante visibilidade como efeito das demandas sociais que se impõem a cada dia com mais força". Segundo Modesto (2015, p. 159), a implementação crescente de políticas públicas de incentivo à igualdade social no Brasil, "traz

à tona o exercício da denúncia enquanto um dos elementos favoráveis aos direitos da diversidade". Ocorre a saturação dos sentidos que estão ligados à importância de denunciar, devido ao recobrimento do social pelo jurídico, construindo, então, uma evidência.

Nas práticas discursivas aqui analisadas, a denúncia, como é trabalhada a partir de Payer (2006), faz parte dos processos de constituição dos sujeitos do discurso, seja do ponto de vista de mulheres vítimas do assédio sexual, e que denunciam, seja dos homens que assediam, nomeados de assediadores, e significados como perpetuadores do assédio sexual, que é o objeto discursivo da denúncia. Segundo o que enuncia Payer (2006), a denúncia é um gesto de linguagem composto por três elementos, que são:

- (a) um sujeito que enuncia, e que é detentor de um saber desconhecido por outros;
- (b) um objeto de referência discursivo, que não era conhecido e passa a sê-lo após a denúncia;
- (c) um interlocutor representado em uma posição de autoridade capaz de executar uma ação subsequente à denúncia, em relação ao objeto discursivo em questão. (PAYER, 2006, p.64)

A partir do que propõe Payer (2006), entendemos que o sujeito que denuncia, constitui-se primeiramente pelas mulheres assediadas, depois, pelas páginas do Twitter que publicaram as capturas de tela, pelos portais de notícias, e ainda, pelos usuários das páginas que podem também constituírem-se como sujeitos que denunciam, por meio de comentários e compartilhamentos das publicações. Portanto, o assédio sexual virtual, é o objeto de referência discursivo, e que está expresso na materialidade significativa dessas capturas de tela de conversas privadas, passando a ser conhecidas pelo gesto da denúncia do ambiente digital. Dessa forma, pensamos e entendemos a captura de tela como uma ferramenta de denúncia, dessa forma, julgamos essencial associarmos a captura de tela à denúncia, enquanto primeiro gesto de denúncia.

É interessante pensar na possibilidade de o próprio ato de expor a captura de tela - que só pode ser feita a partir do celular da vítima, uma vez que o sujeito que assedia não irá fazê-lo, nem se tem acesso ao seu celular - pode contribuir para expor a vítima e esconder seu agressor. Percebemos que há uma regularidade entre esses movimentos e as denúncias, quando as conversas privadas se tornam públicas a partir da postagem, também se tornam públicas as informações da vítima, nome, fotos, enquanto quem assedia é apenas "o assediador", é como se ele não tivesse nome, nem rosto. É uma regularidade dos casos de violência de gênero e até mesmo de racismo, em que se expõe a vítima e quase nada se ouve falar no nome do agressor, ou que rosto tem, é necessário por vezes as pessoas ficarem

pedindo: "expõe o rosto dele". Com isso, pensamos: "será que é possível expor sem ser exposto?"

Há um funcionamento jurídico nessa questão, e nos leva a pensar o seguinte: "Como se resolve esse tipo de questão na ordem do discurso?" Seria fazer uma denúncia, um boletim de ocorrência contra o agressor, dentro do que requer a lei, oficializando a denúncia para que corra em trâmite jurídico. Quando se recorre à Justiça, se expõe para denunciar. O que se pretende, no entanto, ao expor na internet? O que esse movimento gera? É certo que não é uma denúncia jurídica. Então qual seria a finalidade? Seria provocar um movimento histórico? Movimentos em série? Ou seria para incomodar o social? Apesar de ser um movimento que está relacionado ao funcionamento da denúncia jurídica, deriva, no entanto, para outras discursividades. A denúncia do ambiente digital mostra o furo do jurídico, expõe que a Justiça não é igual para todos, que as leis não se aplicam de maneira igual para todos (MODESTO, 2015).

A denúncia da hashtag seria um desvio da denúncia jurídica? É um deslocamento, um furo? Se fosse o caso, se resolveria fazendo a denúncia jurídica. No entanto, está mais voltado para algo com uma relação com o institucional. Felman (2014) aborda em seu livro "O inconsciente jurídico" sobre o fato de que nem sempre o jurídico dá conta em relação a essa questão da denúncia, e mostra que o jurídico pode e tem as condições para julgar determinado ato, no entanto não resolve a questão da ferida histórica. Então, mesmo que haja a oficialização da denúncia no jurídico, para que haja de fato a punição, a aplicação da lei, mas sempre fica a ferida histórica do assédio da qual o jurídico não consegue curar, fazendo com que se tenha a necessidade de expor por outros meios, como a #Exposed, que é o "fazer justiça com as próprias mãos". Segundo Robin (2016, p. 37), mesmo que não haja "memória justa, nem reconciliação total com o passado", ainda é possível inscrever-se frente ao trauma e ao horror da história, em um processo de perlaboração, na tentativa de significar uma memória impedida, bem como os esquecimentos políticos que a acompanham. Porém, segundo Robin (2016), esse processo desafia conjunturas históricas que deslocam uma memória social, tornando o trabalho de luto difícil, e fabricando uma verdade convincente, que é quase sempre convocada em nome dos brancos e dos homens.

Por trás da publicização, da denúncia, do exposed, há uma intenção evidentemente. Qual seria essa intenção? Em que, exatamente, implica essas publicações? A prática de Exposed busca expor o comportamento inadequado do sujeito e não apenas o sujeito em si.

Portanto, a intenção ao publicar uma conversa privada, expondo um crime, uma violência, seria a de denunciar não apenas o agressor, mas também o ato.

Quando se faz a busca na internet pela palavra "exposed", aparecem algumas notícias, como por exemplo no blog Verifact¹⁸, em que aparece uma notícia com o título: "Exposed: quando a vítima expõe publicamente na internet a pessoa que cometeu a violência". Temos aqui algumas questões sobre o que se fala sobre a discussão do "exposed", temos também como exemplo, uma matéria da UOL, com o título: "Exposed na internet: entre o acolhimento de vítimas e o linchamento virtual", que também traz discussões sobre o tema da #exposed. Podemos ver nitidamente nesta última, que o movimento de #Exposed não é um movimento tão pacífico quanto se diz, não no sentido físico, de bater, puxar o cabelo, mas há uma linha tênue entre o ato de expor o agressor e o de praticar um crime cibernético. Percebemos um movimento de linchamento virtual, derivado da #exposed, que é um movimento de catarse coletiva, de exposição, que deriva ainda para outros lados.

O STJ criminaliza o compartilhamento de capturas de tela sem o consentimento do outro, se configurado o dano. Em vista disso, questionamos: "Os portais de notícias estariam cometendo crime cibernético ao divulgar as conversas privadas e expor alguém?", "A vítima de assédio estaria cometendo crime ao expor as capturas de tela da conversa privada?". Segundo o STJ, nos casos em que houver conflito de interesses na divulgação de conteúdos de relevância pública, será analisado individualmente caso a caso pela justiça. Isso significa que não é sempre que o compartilhamento de conversas privadas, como no caso de denúncia criminal levada à imprensa, incorre em direito à reparação de dano moral por um dos interlocutores. Voltamos para a noção de denúncia do ambiente digital, que é principalmente do que tratamos aqui, e atentamos à questão de que, se a denúncia da internet, ou seja, a denúncia do ambiente digital, pode se configurar em crime, caso informações do outro sejam publicadas sem autorização, significa que não é a denúncia do jurídico, embora tenha esse efeito, deriva, no entanto, para outras discursividades, pois se correr em trâmites legais, jurídicos, a denunciante não estará cometendo crime cibernético.

¹⁸ Disponível em: <https://www.verifact.com.br/exposed-quando-a-vitima-expoe-publicamente-na-internet-a-pessoa-que-cometeu-a-violencia/#:~:text=Com%20as%20comprova%C3%A7%C3%B5es%20dos%20ataques,Justiceiras%20e%20Me%20too%20Brasil.%E2%80%9D>. Acesso em 03 nov. 2022

3.2 Lugar discursivo e lugar de enunciação

Iniciamos este tópico trazendo que para a Análise de Discurso Materialista a noção de sujeito é diferente de indivíduo consciente, aquele que define/decide o que dizer e que é responsável pelos sentidos do dizer. Portanto, nos filiamos a AD, e concordamos que a noção de sujeito aqui é de sujeito discursivo, que passa pela determinação tanto do lugar social por ele ocupado, quanto da história e da ideologia.

É importante destacar ainda nesse início que, quando falamos em lugar discursivo e lugar de enunciação, estamos tratando de diferentes noções, ou seja, a noção de lugar discursivo é uma, de lugar de enunciação é outra diferente, assim como a de posição-sujeito, e ainda de objeto do mundo (homem e a mulher). Para chegarmos ao ponto principal dessa discussão, apresentaremos os conceitos de lugar social e lugar discursivo. O lugar social é "ocupado" pelo sujeito empírico, enquanto o lugar discursivo é "ocupado" pelo sujeito do discurso. Ambos, constituem-se mutuamente, apesar de não serem uma mesma noção. No entanto, a prática discursiva é que possibilita a estabilidade ao lugar social, por isso, o lugar discursivo existe apenas pela razão de o lugar social determiná-lo, impondo assim, sua inscrição em um discurso dado.

Ao indivíduo é permitido que ocupe lugares sociais diversos, seja de professor (a), médico (a), motorista, pai, mãe etc., e é a partir do lugar social o qual ocupa que esse mesmo indivíduo é interpelado em sujeito do discurso, a partir daí há a passagem do lugar social para lugar discursivo. Ambos, constituem-se ao mesmo tempo, e enquanto o lugar social determina o lugar discursivo, é também estabilizado pelo lugar discursivo, por meio do discurso. Segundo Grigoletto (2008):

Tanto o lugar discursivo é efeito do lugar social, quanto o lugar social não é constituído senão pela prática discursiva, ou seja, pelo efeito do lugar discursivo. Isso significa dizer que ambos, lugar social e lugar discursivo, se constituem mutuamente, de forma complementar, e estão relacionados à ordem de constituição do discurso. Um não é anterior ao outro, já que um necessita do outro para se instituir. O lugar social só se legitima pela prática discursiva, portanto, pela inscrição do sujeito num lugar discursivo. E o lugar discursivo, por sua vez, só existe discursivamente porque há uma determinação do lugar social que impõe a sua inscrição em determinado discurso. (GRIGOLETTO, 2008, p. 56)

Temos nas análises o exemplo do lugar social de professor que constrói a imagem de professor, ao mesmo tempo em que determina o que ele, desse lugar social, pode e o que não pode dizer. No entanto, o que legitima esse dizer é o enunciar pelo sujeito, ou seja, o lugar

discursivo que legitima o lugar social. Segundo Grigoletto (2008), o lugar social remete para o interior de uma formação social, e considera as projeções de formações imaginárias, enquanto o lugar discursivo constitui a passagem de lugares sociais para o espaço discursivo, ou mesmo a materialização na prática discursiva. Contudo, não se trata de movimentos autônomos.

Grigoletto (2008) afirma ainda que o sujeito sempre fala de determinado lugar social, que é afetado por diferentes relações de poder, sendo isso constitutivo de seu discurso. Isto é, o lugar social abriga diversas formações ideológicas que interagem com relações de poder institucional, de modo a fixar o lugar que o sujeito ocupa na sociedade. E o lugar discursivo está relacionado com a Forma-Sujeito e com a Posição-Sujeito. O lugar discursivo pode abrigar diferentes posições discursivas, pois é constitutivamente heterogêneo (Grigoletto, 2008, p. 57). Assim também o sujeito, em determinado lugar social, pode ocupar diferentes lugares discursivos.

Temos então, um lugar discursivo de professor que assume a posição-sujeito professor e o lugar enunciativo de assediador. Segundo Zoppi-Fontana (2017):

Os lugares de enunciação, por presença ou ausência, configuram um modo de dizer (sua circulação, sua legitimidade, sua organização enunciativa) e são diretamente afetados pelos processos históricos de silenciamento. Esses modos de dizer mobilizam as formas discursivas de um eu ou um nós, de cuja representação imaginária a enunciação retira sua legitimidade e força performativa. É a partir desses lugares de enunciação, considerados como uma dimensão das posições-sujeito e, portanto, do processo de constituição do sujeito do discurso, que se instauram as demandas políticas por reconhecimento e as práticas discursivas de resistência. (ZOPPI-FONTANA, 2017, p. 66)

Podemos dizer, portanto, que os lugares de enunciação, como afirma Zoppi-Fontana (2017), são uma dimensão das posições-sujeito, ou seja, o lugar enunciativo de assediador é dimensão da posição-sujeito professor. Os sujeitos significados como homens heterossexuais através de um efeito da memória discursiva, e que ocupam, dentre outros, o lugar social e discursivo de professor, estão falando do lugar de enunciação de assediador, e, como exemplo, temos na figura 01: ***"18? Pronto. Tou te dizendo que é uma delícia de mulher"***. O sujeito, que é homem, ocupa o lugar discursivo de professor, mas está falando do lugar enunciativo de assediador.

Ao tomarmos o professor do lugar enunciativo de assediador, na dimensão das relações de poder institucionais que essa categoria permite pensar, nos possibilita a compreensão da

prática discursiva aqui analisada como assédio sexual. Isso ocorre porque as condições de produção dos enunciados analisados, estão na base do lugar discursivo, e só constituem-se, porque discursivamente, a posição social do professor, hierarquicamente é superior à da aluna, pois as relações de poder institucional de que participam colocam-nos nessa posição hierárquica superior à das mulheres. Essas mulheres, por sua vez, ocupam o lugar social de alunas, e o lugar enunciativo de assediada, de vítima, mas não só esses lugares, pois como vimos anteriormente, o ato de tornar públicas essas conversas privadas, coloca-as numa posição de denunciante, que expõe o assediador na internet, assumindo uma posição de resistência.

Relacionamos ainda os lugares de enunciação com o cinismo, justamente na captura de tela, nas reações das mulheres, mas também nos enunciados dos homens. Como por exemplo, quando o sujeito enuncia "*Posso curtir? E chamar de delícia?*", percebemos o cinismo, uma certa ironia no ato de pedir permissão para chamar a mulher de delícia, ao mesmo tempo em que já está chamando. Pensamos o cinismo aqui em sua relação tanto com as condições de produção, quanto com os lugares de enunciação, e ainda com a memória discursiva. É possível perceber ainda o cinismo nas reações das mulheres, mesmo através de emojis, risos (kkkk), ou ponto de interrogação (???), como se não estivesse entendendo o que o outro quis dizer, ao mesmo tempo em que prolonga a conversa para ver até onde vai.

4 (Des) Construção da imagem da mulher pelas lentes machistas

Foram feitas análises iniciais apresentadas no Seminário de Pesquisa, em 2021, quando a pesquisa ainda estava na fase de coleta de dados e construção do dispositivo teórico-analítico, para mostrar o andamento da pesquisa. Para as análises, selecionamos o material coletado que foi também coletado durante a disciplina Análise do Discurso, ministrado pela prof^a Dra. Glória França, já como uma análise inicial que é parte desta dissertação. As reuniões do Grupo de Estudos e Pesquisa em Discurso, Interseccionalidade e Subjetivações (GEPEDIS/CNPq), grupo de pesquisa coordenado pela prof^a Dra. Glória França contribuiu significativamente com a coleta do *corpus*, bem como as leituras sobre a teoria da Análise do Discurso, sobre feminismos e o debate gênero-raça.

As análises iniciais apresentadas durante o Seminário de Pesquisa e as análises feitas no artigo escrito em co-autoria das professoras doutoras Glória França e Mariana Cestari, como parte do capítulo analítico desta pesquisa, são frutos das reuniões coletivas do

GEPEDIS e das orientações individuais da prof^a Dra. Glória França, sempre orientando sobre os caminhos possíveis e gestos de análise que passariam despercebidos sem um apontamento. Em 4.1 faremos as análises iniciais apresentadas no Seminário de Pesquisa, em 4.2 traremos as análises feitas durante a escrita do nosso artigo, e em 4.3 faremos um gesto de análise de algo que foi deixado das análises anteriores, dando relevo aos enunciados produzidos por mulheres em resposta ao assédio sexual. Com base nas materialidades coletadas para compôr a análise do *corpus*, perguntamos: O que não está sendo dito? Quais os discursos projetados? Quais as posições-sujeito projetadas, tanto de assediador, como de assediada, nas práticas de assédio virtual? Quais as regularidades e as rupturas nesses discursos? O que agrupa e o que rompe?

4.1 Objetificação do corpo feminino nas redes: os sentidos de ser mulher e de ser homem nas práticas de assédio sexual no ambiente digital

Como citado anteriormente, neste recorte, tomamos como *corpus* para análise três capturas de tela de conversas no inbox do Messenger de duas jovens, que foram publicadas no Portal R7 e no Twitter, respectivamente. Essas capturas de tela estão circulando no Twitter e no Portal R7, ambas como forma de denúncia, partindo primeiro do Twitter, pois embora a conversa privada tenha acontecido no inbox do Messenger, foi repassada pelas jovens aos administradores de páginas do Twitter que publicaram essas capturas de tela, denunciando os assediadores. Desse material, selecionamos os textos que compõem o *corpus*, de onde tiramos as sequências discursivas (doravante SD), e que circulam como falas privadas, ou seja, é algo que só é falado no inbox, mas que tem o sigilo quebrado pela possibilidade de um print e pela circulação e compartilhamento intenso. Para iniciarmos a discussão do tema, fizemos uma abordagem sobre o papel da memória na construção e movimentação dos sentidos de mulher, feito isso, analisamos as SDs.

Vejamos as 5 sequências discursivas selecionadas¹⁹:

SD1: "*De ver uma menina virar uma linda mulher diante de meus olhos e não conseguir fazer de contas que não vi*"

SD2: "*18? Pronto. Tou te dizendo que é uma delícia de mulher*"

¹⁹ As SDs 1, 2 e 3 foram retiradas de duas capturas de tela publicadas no Portal R7, e trata-se de uma conversa em que um professor de uma escola na Bahia foi acusado de assediar sexualmente algumas alunas. As SDs 4 e 5 foram retiradas da captura de tela publicada no Twitter, também em uma situação considerada de assédio sexual, envolvendo professor e aluna.

SD3: *"E que é uma pena que não posso te mostrar o quanto é bom isso!"*

SD4: *"E se alguém chupasse sua b...vc não sentiria nada?"*

SD5: *"Imaginando aqui uma situação / Tipo vc de saia sem calcinha"*

É possível identificar nas SDs uma paráfrase de um discurso sexista, ou seja, a partir do momento em que deixa de ser menina e "vira uma mulher", ela obrigatoriamente é notada pelo sexo oposto, resgatando a memória da moça que está pronta para casar-se, pois já não é mais uma menina, e agora deve estar à disposição de pretendentes. Percebemos isso principalmente na SD1, quando o sujeito fala sobre não conseguir fazer de contas que não viu a passagem da fase menina para a fase mulher da aluna. Ou seja, a partir do momento em que se torna mulher, ela está passível de sofrer assédio, pois o homem não pode "simplesmente" fingir que não a viu, ou seja, sente-se na obrigação de assediá-la. Percebemos ainda a ausência de pronome pessoal masculino que indique que o assediador é homem, há a marca da mulher, quando se fala dela. Então, nessa questão do não marcado, ou seja, a não identificação do agressor com uso do pronome masculino que identifique que (o agressor) seja realmente homem, sabemos que é uma relação que atravessa papéis femininos e papéis masculinos, porém não é nosso papel aqui fechar essa significação e encerrar a questão, mas como analistas do discurso, é nosso dever apontar o furo, os deslizamentos, as rupturas. Porque, analisando o conteúdo da captura de tela, percebemos que não há nenhuma marca linguística masculina, embora se configure como uma prática de denúncia de mulheres e homens e posições de poder. Então perguntamos como essa questão do não marcado se coloca na materialidade da língua?

O fato de não haver uma marca linguística nos enunciados, que aponte para a evidência de que o sujeito é homem, podemos interpretar de duas formas: 1) que ele é sempre (ou quase sempre) não marcado; 2) que a mulher é sempre marcada, pois se fala dela, há marcas linguísticas que evidenciam isso. É importante esclarecer que tomamos isso como evidente, ou seja, que o sujeito que assedia é homem, com base nas notícias dos sites e portais de onde as capturas de tela foram coletadas, como a captura de tela a seguir:

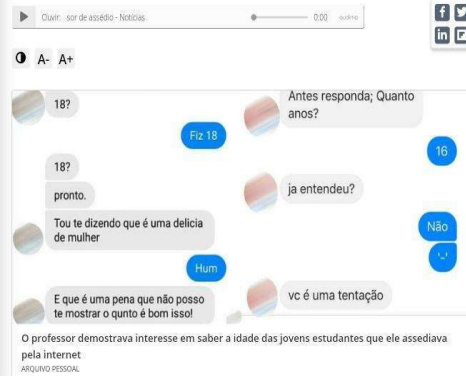
Figura 14 - Captura de tela da notícia

"Você é uma tentação": adolescentes acusam professor de assédio

Jovens e menores de idade recebiam mensagens inapropriadas de docente de escola da BA

EDUCAÇÃO | Giorgia Cavicchioli, do R7
03/01/2017 - 23h07 (ATUALIZADO EM 05/01/2017 - 09h52)

COMPARTILHE



Adolescentes que estudam na escola Djalma Pessoa, em Salvador (BA), se uniram para denunciar um professor de geografia por assédio.

O homem, que lecionava na escola até 2016, adicionava as alunas — muitas delas menores de idade — em seu perfil no Facebook e conversava com elas por meio de uma caixa de mensagens privada. Depois de pouco papo, começavam os assédios.

Fonte: R7.com²⁰. Acesso em: 15 set. 2021

Quando o sujeito enuncia "De ver uma menina virar uma linda mulher diante de meus olhos e não conseguir fazer de contas que não vi", podemos identificar também os não-ditos, como por exemplo: a menina será vista, no sentido de ser notada, no momento em que 'se torna' mulher, e isso aponta para algo que também não está sendo dito aí, que menina não é mulher, e se ela não é mulher é porque não nasce mulher, ela 'vira' mulher em uma determinada idade, e com base nisso, apontamos outras possibilidades do dizer do sujeito: "não posso ver uma menina virar uma linda mulher diante dos meus olhos e deixar passar a oportunidade de assediá-la", e o sujeito mostra sua incapacidade de controlar os "instintos machistas".

A regularidade que vai se projetando é a de uma masculinidade que só se projeta e se significa pela violência, visto que o assédio sexual é uma das muitas formas de violências contra a mulher. Cabe perguntarmos se não há espaço para que se formule uma masculinidade que não se fundamente em um discurso da violência simbólica e sexual, e essa violência simbólica se materializa novamente no sentido de a mulher ser projetada como

²⁰ <https://noticias.r7.com/educacao/voce-e-uma-tentacao-adolescentes-acusam-professor-de-assedio-05012017> Acesso em: 15/09/2021

um objeto sexual e ao mesmo tempo sem direito ao seu próprio prazer. Pensamos nessa questão da objetificação, ou seja, da mulher como objeto sexual, pelo fato de os enunciados colocarem uma dimensão instintiva, do sujeito que não se controla e de um objeto que é por si causa de descontrole (podemos parafrasear casos em que a mulher é culpabilizada de provocar o homem ao usar determinadas roupas, incitando-o a assediá-la). Percebemos algo que se coloca nesses discursos além do dito, ou seja, os não ditos, ou dito de outra forma, como o "se achar no direito de dizer", o ato de expressar seu desejo sem medo, seja da reação da mulher ou da punição da justiça, e penso que uma coisa tem bastante a ver com a outra, isto é, o sujeito que se acha no direito de dizer, não tem medo de expressar seu desejo.

O sentido de homem aqui é o do macho alfa, dominador, que vê uma mulher e sente-se na obrigação de mexer com ela, seja por assobio na rua, ou nesse caso, através de mensagens nas redes sociais, com um discurso de cunho sexual. Observamos como esse tipo de discurso ganha regularidade, e com isso, se estabelece enquanto memória, que é recuperada em várias situações em que os sujeitos se confrontam nas arenas de batalha do assédio sexual em ambientes digitais. Isso pode ser evidenciado nas SDs seguintes em que temos a mesma rede parafrástica sendo acionada, e, com isso, temos estabelecida uma memória do assédio, o que nos leva a falar sobre como se constitui a memória discursiva.

A memória discursiva constitui-se por meio da repetição do discurso, em conformidade com determinadas características coletivas, com seu funcionamento sócio-histórico estabelecido pelas noções de retomadas e de regularização de sentidos, e sua ressignificação não funciona pela repetição de palavras, mas pela manutenção do dizer, e repetição do sentido. Quando se muda o regime de regularização dos sentidos, percebe-se que há uma ruptura percebida quando o sujeito de determinado discurso não mais é identificado com o lugar discursivo. No caso da mulher da SD1, essa ruptura acontece quando ela rompe com o lugar discursivo de menina e passa a ocupar outro lugar discursivo, que é o de mulher. Essa ruptura segue nas SDs seguintes, em que também o sujeito rompe com o lugar discursivo de professor, para ocupar o lugar discursivo de assediador. Contudo, estamos falando também de 'meninas' no sentido de menores de idade. Há, portanto uma outra camada de sentidos de sexualização de adolescentes e de violência sexual contra crianças, e não somente violência contra mulheres.

Em relação ao enunciado da SD3, que é parte da conversa privada da qual a SD2 também faz parte, destacamos que é uma continuação dessa SD anterior. Baseado nesse

enunciado da SD3, parafraseamos: "Isso" o quê é bom? Ser mulher? Ser uma delícia de mulher é bom? Ser assediada é bom? Ser uma mulher de 18 anos é bom? Mas é bom para quem? Percebe-se ainda na SD2 que o sujeito usa adjetivos relacionados ao paladar para se referir à mulher, e ele só faz isso depois de ela confirmar que tem 18 anos. Será que o sujeito estaria se antecipando para evitar possíveis acusações de pedofilia? Na SD3, porque ele não 'pode' mostrar o quanto é bom 'isso', para a aluna? Ele é ciente de que sua posição de professor o limita e o impossibilita a ter um contato físico sexual com a aluna, no entanto, não o impede de fazer a abordagem verbalmente.

Destacamos então que o "não posso" pode ser entendido como possível pista dos limites do que pode ou não pode ser dito ou feito do lugar social e discursivo de professor, porém, esses limites são desrespeitados a partir do momento em que o lugar do macho/assediador se sobrepõe ao imaginário que se tem do lugar do professor. Essas posições ocupadas pelo mesmo sujeito, constitui-se considerando o sócio-histórico e o ideológico. Em relação ao lugar discursivo e social, Grigoletto (2005) enuncia que

Podemos pensar que o lugar discursivo é determinado não só pelo lugar social, mas também pela estrutura da língua, materializada no intradiscurso. Assim, tanto o lugar discursivo é efeito do lugar social, quanto o lugar social não é construído senão pela prática discursiva, ou seja, pelo efeito do lugar discursivo. Isso significa dizer que ambos, lugar social e lugar discursivo, se constituem mutuamente, de forma complementar, e estão relacionados à ordem de constituição do discurso. Um não é anterior ao outro, já que um necessita do outro para se instituir. (Grigoletto, 2005, p. 6)

Como afirma a autora, o lugar social, ou seja, o lugar de sujeito empírico, e a estrutura da língua, tem participação no lugar do sujeito do discurso, mesmo que não seja determinante, pois há espaço para movência e para contradição, e isso determina os sentidos que emergem dos discursos desses sujeitos, ou seja, o sentido de professor que assedia a aluna. Ambos os lugares, constituem-se mutuamente, pois um precisa do outro para se instituir. Segundo Grigoletto (2005), na teoria do discurso, toda discussão sobre a noção de sujeito, vai considerar o sócio-histórico e o ideológico como elementos que constituem essa noção. Isso nos leva a crer, assim como a autora, que o lugar que os sujeitos ocupam na sociedade é determinante do/no seu dizer. Temos aqui dois homens heterossexuais, no lugar social de professores, falando para duas mulheres/meninas, no lugar social de alunas.

Esses lugares ocupados pelos sujeitos dos discursos, estão determinando os sentidos. Percebemos que no enunciado da SD3, há evidências dos limites do que o sujeito pode fazer

ou não, enquanto professor, no entanto, fala também dos limites daquilo que a aluna pode ouvir do professor. O sujeito se inscreve em determinadas formações discursivas quando se identifica com saberes específicos, ocupando o lugar de sujeito do discurso, e ainda o lugar de sujeito empírico, ou seja, o lugar social. O sujeito então, convive em contradição, ou seja, é assediador e também professor. Percebemos nas SDs essas regularidades, ou seja, a passagem entre o lugar social do sujeito e o lugar discursivo.

Encontramos ainda, dentre outras, regularidades linguísticas nos enunciados dos sujeitos homens, como por exemplo a abreviação de algumas palavras como o pronome 'você' (vc). Por causa da separação geográfica entre o enunciador e o enunciatário, a abreviação se apresenta como um importante recurso, que tem o intuito de produzir um ambiente familiar e informal entre os sujeitos. Nas SDs, a abreviação, principalmente do pronome de tratamento da 2ª pessoa, apresenta fortes indícios de que se estabeleceu uma relação entre enunciador/enunciatário/enunciado. Expressa-se a necessidade de ter uma aproximação física com o outro em ambientes digitais por meio da abreviação de determinadas palavras, principalmente, do pronome de tratamento 'você', o sujeito tenta criar uma intimidade com o outro através dessas abreviações, que cria uma abordagem mais informal. Dessa forma, o sujeito sente-se mais à vontade para praticar uma abordagem mais íntima com a mulher, que vai além de questões linguísticas. Passa então a usar adjetivos que remetem a alimentos, para se referir às mulheres, como visto na SD2 *"[...] Tou te dizendo que é uma delícia de mulher"*.

O "vc" aparece não como uma marca masculina, mas como um marcador linguístico. Segundo Dias (2008) nos territórios fluidos do ciberespaço o sujeito cria laços de pertencimento, e é pela escrita que esse laço/traço de pertencimento se cria. E pelo 'estilo' de escrita do enunciador, usando abreviações (vc), aponta para essa tentativa do sujeito de criar laços com a outra pessoa. Ainda segundo Dias (2008), na Internet, o espaço se configura pela temporalidade da escrita, e isso a determina em sua forma abreviada, pela velocidade de suas condições de produção, sendo a escrita abreviada "uma propriedade da velocidade do tempo de escritura naquele espaço discursivo que organiza e determina a relação entre o que é dito e o sentido que isso produz" (p. 17).

Percebemos na SD4 uma paráfrase de que, para que a mulher sinta algo, precisa ser tocada, e o fato de o sujeito não completar seu enunciado e abreviar palavras, deixa os sentido em aberto, ou seja, o "b..." do qual o sujeito fala aqui pode ser boca, bochecha, mas também

pode ser "buceta", termo comumente usado para se referir às genitálias da mulher. O sujeito faz uma paráfrase de que a mulher precisa ser "chupada" para sentir prazer. Percebe-se que quando ele fala em "alguém" (E se alguém chupasse sua b...), está aberta a possibilidade de que esse alguém seja ele mesmo, ou seja, "E se eu chupasse você? E se eu chupasse sua boca? E se eu chupasse a sua buceta/bochecha?" Isso leva a entender ainda que está se oferecendo para praticar o ato que sugere. É interessante pensar que o b..." aponta ainda para um jogo paradoxal entre o erótico e o interdito, ou seja, não dizer uma palavra considerada "baixa", mas sugerir, algo próprio do discurso erótico, como sugere Chaves e Ribeiro (2017, p. 05) "Um aquilo que se situa no limite do dêitico e da referência, do pensar naquilo, do falar daquilo, de toda perversão que cabe nesse aquilo, que não diz nada e que abarca tudo"

Percebemos uma relação dessas sequências discursivas com o discurso machista, que objetifica a mulher, e faz perceber a violência simbólica que está se materializando no sentido de a mulher ser projetada como um objeto sexual, pois a cultura do patriarcado, carregada de uma ideologia machista, atribuiu ao homem o direito de posse sobre o corpo da mulher, e isso acaba naturalizando a cultura do assédio sexual, como forma de dominação do gênero dominante contra o dominado. É aí que entra a objetificação da figura feminina, ou seja, a mulher é vista como um objeto sexual para a satisfação dos desejos do homem.

Segundo Vergès (2020, p. 95) o patriarcado neofascista e masculinista, ataca frontalmente as mulheres e outras pessoas da comunidade LGBTQIA+, com o objetivo de fazer retroceder alguns direitos conquistados com dura luta ao longo dos últimos anos, como o aborto, o direito ao trabalho, a contracepção, os direitos LGBTQIA+, entre outras conquistas dos movimentos que lutam pela igualdade de direitos. No sistema patriarcal, segundo Vergès, é aceitável apenas a submissão das mulheres à sua ordem heteronormativa, ordem esta que institui o poder absoluto de uma figura masculina, nesse caso, o pai e o marido, e em algumas famílias, o irmão. Essa ordem heteronormativa acabando fazendo incitações ao assédio sexual e moral, ao estupro e assassinatos de mulheres feministas ou não, principalmente de mulheres políticas eleitas de esquerda e que fazem parte da comunidade LGBTQIA+, de militantes dos povos indígenas e migrantes.

A autora aponta para a existência de dois tipos de patriarcado, sendo um neofascista e masculinista, que manipula a religião e sabe como despertar o ódio, gerado pelo preconceito, e o medo das pessoas para justificar assassinatos de mulheres e de pessoas da comunidade

LGBTQIA+. E o outro tipo é o patriarcado liberal, que se diz a favor do multiculturalismo, e até "respeita" os direitos das mulheres, desde que isso implique integrá-las na economia neoliberal. A diferença entre ambos os patriarcados é no tom, tanto da forma de dizer quanto de fazer, mas não só isso, está também na diferença de uma prática. Damos como exemplo, o fato de que o patriarcado neofascista apoia a tortura, o desaparecimento, a prisão e até mesmo contra as mulheres, para alcançar seus objetivos e reforçar sua cultura.

A fúria do patriarcado é materializada através das crescentes incitações ao assédio sexual e ao estupro, que se vê nas redes sociais de várias mulheres. É esse o patriarcado conservador, masculinista, virilista e amigo do neoliberalismo, do qual Vergès (2020) fala, que não hesitaria em assassinar uma mulher negra, que representa a oposição e a comunidade LGBTQIA+, em público. É o mesmo patriarcado que objetifica a mulher, e normalizou a cultura do assédio sexual, as ameaças, as difamações e os insultos contra as mulheres, além de outros tipos de violências que as mulheres sofrem todos os dias no Brasil. Além dessas violências, usa também o estupro e a censura como forma de punição, dominação e intimidação, como um chamado à ordem (VERGÈS, 2020). Pensando nessa dualidade do patriarcado, destacamos que são ruins em ambos os casos, pois os dois tipos usam de violência, seja física ou simbólica, para colocar a mulher em uma posição de submissão.

Vergès (2020) afirma que os velhos patriarcas mantêm suas esposas sob o regime da submissão, permanecendo em silêncio sob suas ordens, e fazendo com que as outras mulheres, principalmente as racializadas, continuem segregadas, sendo domésticas, objetos sexuais. Vergès (2020, p. 96) enuncia que "os jovens patriarcas do neoliberalismo prometem a algumas mulheres que elas serão as primeiras da fila e a outras, que vão sobreviver". Questionamos então: a quais mulheres é permitido/prometido serem as primeiras da fila, ou seja, as que serão 'respeitadas', que estarão em melhores posições sociais, e quais as mulheres que vão apenas sobreviver, estando sujeita às diversas violências romperem o ciclo da submissão do patriarcado? Temos nas SDs dois sentidos de mulher: a mãe de família, que merece ser respeitada, que será prioridade em questão de respeito, e a puta da rua, a vadia que não obedece às regras que lhe são impostas, aquela que vai à praia de biquíni e posta suas fotos nas redes sociais, a mulher que, por vestir roupas que detalham seu corpo, merece ser assediada ou estuproada.

Podemos identificar na SD5: "*Imaginando aqui uma situação / Tipo vc de saia sem calcinha*", dentre outros não-ditos, que o sujeito tem fetiche por alunas/mulheres de

uniforme escolar, baseado nos uniformes escolares em que meninas usam saias ao invés de calça. Percebemos nas SDs uma violência simbólica que é privada, partindo de sujeitos que estão em posição hierárquica superior, por serem professores abordando alunas com conversas de cunho sexual. No entanto, segundo Arruzza, Bhattacharya e Fraser (2019) nem toda violência de gênero assume essa forma aparentemente "privada" e "irracional", algumas são bastante "racionais", e usam a agressão de gênero como instrumentalização e técnica de controle. Citamos como exemplo, o estupro de mulheres racializadas para "domá-las" e forçar a subjugação de comunidades de minorias étnicas.

Outro exemplo que podemos citar é a agressão e o assédio sexual nos ambientes de trabalho, em ambiente escolar e muito recorrente também em ambientes digitais, como no caso das SDs aqui analisadas. Percebemos que nesses casos o assédio sexual geralmente vem de sujeitos com poder institucional sobre mulheres que acabam como suas 'presas'. Arruzza, Bhattacharya e Fraser (2019, p. 42) afirma que "o que permite essa violência é um sistema hierárquico de poder que funde gênero, raça e classe. O que resulta disso é o reforço e a normatização desse sistema". Ou seja, a raiz dessas violências, principalmente o assédio sexual, é a vulnerabilidade econômica, profissional e racial das mulheres, e essas ações acabam normatizando o sistema opressor e violento, bem como o assédio.

4.2 Outras vozes nas tensões de gênero

Vejamos agora outras 5 sequências discursivas selecionadas²¹:

SD6: *"Gostosaaaaa eu quero sem o short"*

SD7: *"Vc é uma delícia / Pena que não poderei te mostrar como o mundo pode ser delicioso"*

SD8: *"Posso curtir? E chamar de delícia?"*

SD9: *"Quem tem conhecimento não posta foto feito puta no face"*

SD10: *"Às vezes vc não sabe que após curtir...vem uma crítica no inbox"*

Aqui, trazemos 5 sequências discursivas que foram analisadas em um artigo escrito em coautoria com a professora doutora Glória França e a professora doutora Mariana Cestari, como um recorte desta pesquisa. Dito isso, temos formulações produzidas em resposta à postagem de fotos de duas jovens, em que na ocasião uma delas vestia um biquíni e a outra

²¹ A SD1 faz parte da primeira captura de tela, a SD2 faz parte da segunda, e as SDs 3, 4 e 5 fazem parte da terceira.

um shorts, e isso, analisando o que se enuncia pelos sujeitos, faz perceber a circulação de uma memória de mulher que está encaixada no padrão de mulher "gostosa", que se veste com roupas curtas, e cujo corpo se encaixa em um dos padrões de beleza impostos pela sociedade na atualidade. No entanto, nota-se que o padrão da "gostosa" não é o padrão de beleza das modelos de passarela, por exemplo, que devem ser altas e esbeltas, ao contrário da gostosa, que é a mulher que pratica atividade física, mas sem exagero, para não parecer masculina, e mostrar sua jovialidade, ganhando curvas bonitas e ficando sarada, garantindo o corpo perfeito que atende aos desejos do homem.

É importante ressaltar que atualmente há um movimento em rede de mulheres expondo seus corpos como são de fato, sem filtros, ou poderíamos dizer seus corpos "reais", pensando discursivamente o estatuto desse real, nos questionando sobre o que é um corpo real e o que não é. Portanto, mesmo que o discurso dos sujeitos enquanto assediadores produza esse efeito da mulher "gostosa", devemos repensar essa evidência de que foto de biquíni ou de shorts refere ao corpo magro e/ou malhado.

Algumas mulheres, mesmo após um dia longo e cansativo de trabalho, ainda se esforçam para passar algum tempo na academia para garantir o corpo perfeito, que tem como modelo o padrão da branca sarada. Contudo, podemos perceber ainda que não se trata apenas da busca por um padrão de beleza heteronormativo branco, pois há uma gama de sentidos em jogo, e percebemos também sentidos de autocuidado, da mulher que cuida do corpo não apenas por questões estéticas, mas também por questões de saúde. Segundo Vergès (2020) a relação dialética entre os corpos eficientes da burguesia neoliberal e os corpos exaustos de mulheres negras mostra os vínculos entre neoliberalismo, gênero, raça e heteropatriarcado.

Assim como na SD3, observamos regularidades linguísticas também nas SDs 7 e 8, onde o "não poderei" (SD7) e a pergunta "posso curtir?" (SD8), que o professor faz para a aluna, pode ser entendido também como uma pista dos limites daquilo que pode ou não ser dito do lugar social e discursivo do professor. Percebemos além disso, que a pergunta "posso curtir" poderia estar apontando para sentidos que indicam algo a mais do que a simples curtida na foto da jovem. Diante disso, podemos questionar: que autorização é solicitada, já que se sabe que o botão de curtida é acessível a todos? Por que o sujeito precisa de autorização para curtir uma foto que está pública? Poderíamos ainda parafrasear os enunciados: "como professor, 'não poderia' te mostrar o quanto 'isso' é bom, 'não poderia' fazer isso, 'não poderia' dizer isso, 'não poderia' te assediar", mas como macho eu 'posso

curtir', 'posso chamar de delícia', 'posso te imaginar sem calcinha'. Isso é possível porque ao machista é permitido dizer e fazer o que quiser com os corpos femininos, como se o corpo da mulher estivesse ao seu dispor, no entanto, o professor de seu lugar empírico, como educador, não pode, não deve, porque haverá punição. Não que o machista que assedia também não tenha punição, mas é como se a punição do sujeito do lugar de professor fosse mais sentida, causasse mais impacto.

Pensando na noção de simulacro, percebemos que o sujeito pergunta já fazendo, e nega ao mesmo tempo em que revela seu desejo, por isso, além do jogo conflitivo entre as posições, é possível perceber as perguntas e negações dos enunciados funcionando como simulacro. Simulacro é uma espécie de caricatura do discurso do outro, uma tradução depreciativa dos enunciados do outro.

Entendemos que a aproximação entre o dizer e o fazer, ou seja, o ato de dizer e o de "curtir" pelo funcionamento do digital têm a força performativa de produzir o ato do assédio, expondo assim o funcionamento contraditório entre os lugares sociais e lugares discursivos em questão. Então, com base no que afirma Grigoletto (2005), sobre o lugar social nem sempre coincidir com o lugar discursivo, mostramos aqui uma contradição entre o lugar social e o lugar discursivo. Percebemos que o lugar do assediador, que se inscreve em uma posição sujeito machista, está mais evidente, está se sobressaindo, pois até mesmo a pergunta que o professor faz ("Posso curtir?"), e os sentidos alusivos configuram como assédio sexual, o que nos leva à afirmação de que tanto o "não poderei", quanto o falso pedido de permissão, estão apenas reforçando o cinismo que geralmente se faz presente em discursos dessa ordem. E é interessante pensar nesse cinismo quando o sujeito tenta "justificar" ou "disfarçar" o assédio na SD10, quando enuncia: ***"Às vezes vc não sabe que após curtir...vem uma crítica no inbox"***, ou seja, ele teve suas ações contestadas, e tenta mudar o rumo da conversa, fazendo uma crítica que surgiu não após ele pedir permissão para curtir, mas após ele pedir permissão para chamar a mulher de 'delícia'.

Percebemos que ao "pedir permissão", ao perguntar se pode chamá-la de 'delícia', ele já está chamando, ele já a acha uma 'delícia', 'gostosa', isso é um dos não ditos, é algo que está ali, mas que não é dito. Baldini e Nizo (2015) enunciam que o cinismo, como prática ideológica, é um tipo peculiar da ironia, como um modo de funcionamento social, ou seja, uma certa economia discursiva, e só pode ser pensado em sua relação com as condições de produção, com os lugares de enunciação e com a memória discursiva. Pensamos então sobre

os lugares de enunciação em sua relação com o discurso, segundo o que propõe Zoppi-Fontana (2003), quando enuncia que pensar sobre os lugares de enunciação significa pensar a divisão social do direito de enunciar, da eficácia dessa divisão e da linguagem, no que diz respeito à produção de efeitos de legitimidade. E é interessante pensar isso, porque segundo Baldini e Nizo (2015, p. 140), "o cinismo é considerado a partir de um lugar de enunciação fora do poder, tal como na figura clássica de Diógenes". E percebemos o cinismo nesse enunciado da SD8, se encaixando no que enuncia Baldini e Nizo (2015, p. 140): "o cínico é aquele que, pondo em risco seu corpo a partir de sua coragem de enunciar, desnuda o discurso do poder através da ironia".

Apontamos ainda, regularidades linguísticas nas SDs 6, 7 e 8, no emprego de adjetivos que remetem ao paladar para se referirem à mulher, que é algo que dialoga com o que traz a SD2, fazendo-nos perceber também a projeção de sentidos sobre mulheres enquanto corpos assediáveis porque, nesse imaginário, as mulheres enquanto objeto sexual, são sempre disponíveis aos prazeres masculinos. Percebemos essas regularidades nas SDs 6, 7 e 8, um deslizamento nos sentidos de delícia e gostosa.

Pêcheux (2014 [1975], p. 148) enuncia que "palavras, expressões e proposições literalmente diferentes podem, no interior de uma formação discursiva dada, "ter o mesmo sentido"", e isso representa a condição para que esses elementos sejam dotados de sentido, e isso se afirma com base no que se admite sobre as mesmas palavras, expressões e proposições mudarem de sentido ao passar de uma formação discursiva para outra. Ou seja, se as mesmas palavras ou expressões podem mudar de sentido ao passar de uma FD para outra, também palavras diferentes podem ter o mesmo sentido se estiverem em uma mesma FD.

Dito isso, não devemos limitar as interpretações sobre o imaginário em torno do ser homem e do ser mulher, pois é preciso que o tomemos em sua pluralidade e em seus sentidos divididos nas práticas sociais e discursivas. É necessário haver um descentramento principalmente da categoria 'mulher', pois segundo Butler (2008), não devemos considerar e analisar a mulher como uma categoria universal, pois ela acaba sendo uma prisão para as mulheres. Precisamos trabalhar com a pluralização dos sentidos, pensando as questões raciais, de classe, de sujeitos em condições de produção determinadas e levando em consideração também as relações hierárquicas entre os lugares discursivos. Logo, ao

analisarmos os sentidos de 'gostosa' e 'delícia', não compreendemos que o discurso machista/sexista e a objetificação da mulher são/estão intrínsecos a esses adjetivos.

França (2013) afirma que falar discursivamente sobre a mulher implica não pensar o corpo empírico ou uma categoria 'gênero' fechada e já delimitada, isto é, implica tomar essa categoria enquanto corpo/categoria com espessura material e a existência de uma memória de sentidos que já circulam sobre ela. Percebemos uma retomada de sentidos nas SDs 2, 6, 7 e 8, e que ambas estão inseridas em uma mesma formação discursiva, em situação de assédio sexual, cujos sentidos de gostosa e de delícia dizem respeito ao corpo de mulheres que se encaixam em um determinado padrão de beleza. E o lugar social discursivo, assim como o discurso jurídico - como veremos posteriormente - significam o uso dessas expressões como assédio sexual, além da maneira como ocorre essa prática discursiva, ou seja, em inbox de redes sociais, o famoso PV (privado), com comentários masculinos, com uma abordagem sexual, que vai em direção à intimidade das jovens ainda quando seus posts estavam públicos.

Analisando as materialidades discursivas, percebemos que o gesto digital de comentar no privado uma imagem que estava circulando como pública, textualiza-se como um 'elogio' que deriva para o assédio. Por que o sujeito não lançou seus elogios no espaço dos comentários públicos da própria foto? Por que ele precisou recorrer ao inbox para falar algo relacionado à postagem da jovem? O que ele precisava dizer a ela que não poderia ser dito publicamente, e por que não podia dizer no espaço público? Percebemos que os adjetivos 'gostosa' e 'delícia' significam diferentemente, se ditos a partir de outros lugares discursivos e de outros modos, podendo sim ser considerados como elogios pelas próprias mulheres. A exemplo disso, temos conhecimento das situações em que algumas mulheres reivindicam essas expressões, principalmente nas redes sociais, para falarem de si mesmas, ou ainda de outras mulheres (como as expressões "mulherão da porra" e "grande gostosa"), e isso acaba por produzir outros efeitos de sentido, como o sentido de mulher empoderada, vivendo sua sexualidade livremente, apesar de ser afetada pelos discursos machistas.

Considerando as configurações nas quais os discursos foram produzidos, ao analisarmos as SDs 2, 6, 7 e 8, percebemos deslizamentos nos sentidos de gostosa e delícia, ou seja, os sentidos deslizam do lugar de adjetivos geralmente usados para se referir ao paladar e passam a significar as mulheres como bonitas e atraentes, tendo como referência a imagem de seus corpos. A repetição dos dizeres que circulam socialmente, é que vai cooperar

com essa alteração, de acordo com a posição-sujeito do enunciador e com a matriz de sentido, como propõe Indursky (2011). E a partir da memória social dos dizeres, os enunciados assentam-se na repetição dos sentidos. Indursky (2011) propõe ainda que se há repetição, há retomada/regularização de sentidos, e esses sentidos vão constituir uma memória que é social. Dito isso, percebemos aqui o sentido de mulher como uma refeição do homem, ou seja, a mulher para comer, e observamos que esse discurso se sustenta na memória (coletiva) de como a mulher é objetificada socialmente no imaginário machista, como ela tornou-se um objeto de satisfação do prazer do macho, e que pode ser comida, no sentido sexual.

Percebemos que o sentido de homem que se projeta nas SDs 2, 6, 7 e 8 é o do que come, o comedor que passa o rodo, o garanhão que goza e se realiza, que pode ter quantas mulheres quiser sem ser chamado de puta, enquanto a mulher é unicamente a refeição, a que é comida, a que será apenas mais uma na lista do garanhão, e não tem o direito de ter prazer autônomo, ou seja, ela não pode se satisfazer sozinha, pode apenas proporcionar prazer ao homem ou senti-lo pela ação do homem. É como se a mulher, para ser de fato mulher, precisasse do homem de várias formas possíveis, principalmente sexualmente, e como se homem tivesse a necessidade de provar isso. Partindo desses dizeres do homem cis heterossexual, sustentados na memória do homem "comedor", "pegador", ou "ganhão", que é assim chamado por outros homens aquele que transa com muitas mulheres, aquele que "pega" muitas mulheres, questionamos os modos como se discursiviza a figura masculina que precisa dominar o corpo da mulher, tocando-o e violando-o, não só com atos mas também com palavras carregadas de sentidos.

Percebemos ainda nos gestos de análise que, com base em nossas condições de produção, no que diz respeito à sexualização, as mulheres mais assediadas são as mulheres negras, mulheres que são consideradas exóticas, segundo o imaginário colonial no qual a formação social brasileira está estruturada. De acordo com as pesquisas "A voz das redes" realizada pelo Instituto Avon²², e "Violência contra a mulher: o jovem está ligado?", realizada pelo Data Popular em parceria com o Instituto Avon, de 100% das vítimas de assédio sexual em ambiente digital, 80% são mulheres negras. Essas mulheres têm seus corpos hipersexualizados, principalmente pela mídia. Nota-se nas análises discursivas que a mulher negra é vista como corpo disponível a servir o outro, seja pelo trabalho ou pelo sexo,

²² Pesquisas "A voz das redes" e "Violência contra a mulher: o jovem está ligado?", disponível em <<https://istoe.com.br/perseguiacao-on-line/>>

e esse "outro" geralmente é o branco, como propõe Cestari (2015), sobre a história de escravização e de violência sexual contra mulheres negras ser silenciada pelos efeitos de um discurso fundador de raça que determina essa significação.

Analisamos essa questão da interseccionalidade de gênero-raça pelo apagamento, quando se busca e analisa dados, e até mesmo quando se busca na história, e quando não encontramos denúncias na internet, é possível ver o quanto essa violência é dobrada para a mulher negra, é o maior número de mulheres violentadas, de acordo com as pesquisas, é também o maior número de mulheres silenciadas, e de mulheres que podem denunciar. Ou seja, sofrem a violência de classe e a violência de gênero ao mesmo tempo. Portanto, trabalhamos pela via do apagamento, do silenciamento dessas mulheres. Quando se busca no discurso do feminismo negro, de mulheres militantes, fica o questionamento de como elas denunciam violências, e que tipo de violências são intrínsecas e particulares a esse grupo.

Ao pesquisarmos reportagens sobre casos de assédio sexual contra mulheres negras, encontramos uma reportagem no site Universa Uol²³, em que mulheres negras contam suas experiências. Segundo a reportagem, em 2016, foram registrados 22.918 casos de estupro: 34% das vítimas eram brancas e mais de 54% eram negras (pretas e pardas). Inclusive em um dos relatos uma professora de dança fala que nas apresentações de samba, é frequentemente exposta a constrangimentos: "Durante um breve intervalo, um funcionário se aproximou de mim e falou para todos escutarem: 'Eu te ofereço o valor que você quiser para que fique à minha disposição'. Foi muito constrangedor porque eu estava ali trabalhando e, portanto, não podia dar uma resposta à altura. O fato de estar com um turbante ou uma roupa mais colorida já desperta atenção. Parece que a questão de a gente assumir a nossa negritude já incomoda, é como se fosse uma afronta".

Segundo Vergès (2020), o assédio e a violência sexual são parte de uma indústria de precaução e exploração, e indicam que o abuso de poder é estrutural, ou seja, eles não são apenas uma expressão de masculinidade "anormal", que indica que tem algo errado com o comportamento masculino, pois segundo Vergès (2020) eles fazem parte do próprio tecido dessa indústria. Vergès (2020) enuncia ainda que, como exemplo de como funciona o capitalismo racial, temos a indústria de limpeza/cuidado, que expõe as mulheres racializadas a diversos produtos químicos tóxicos, ao assédio e à violência sexual, explora essas

²³ Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2018/11/20/mais-vulneraveis-ao-assedio-mulheres-negras-contam-casos-de-preconceito.htm>. Acesso em 08 nov. de 2022

mulheres, tornando-as invisíveis. Essas mulheres racializadas, por estarem em condições muitas vezes mais vulneráveis, são obrigadas a se expor a situações de exploração e de violências, seja pela hipersexualização de seus corpos, seja pelo imaginário que reproduz a ideia de que o negro deve servir o branco.


Em nossas análises, também percebemos que o que está sendo dito na SD9 se sustenta em uma determinada memória discursiva que se desdobra em torno dos sentidos da mulher, que se sobrepõe aos sentidos de espaço privado e público, ou seja, do lar e da rua. Temos aqui o sentido correspondente ao da mulher que tem conhecimento, e vemos o exemplo no Brasil mesmo, resgatando a história do acesso tardio das mulheres à educação, percebemos o funcionamento de uma memória que associa a instrução das mulheres à educação para a vida doméstica, ou seja, ela era ensinada a ser apenas esposa, mãe e dona de casa.

Essa mulher "que tem conhecimento", é a que preza pela moral e os bons costumes, se veste de acordo com os padrões do que é se vestir bem, impostos pela sociedade, sem mostrar muito o corpo, sem decotes, e ser sempre um exemplo de submissão, é a mulher santa, a bela, recatada e do lar. Isso nos leva ao que vemos rotineiramente nos noticiários: a culpabilização da mulher no assédio sexual, pois segundo os homens acusados de assédio sexual, é sempre a roupa das mulheres que atraem a atenção do homem para seus corpos, e se as roupas dessas mulheres atraem a atenção masculina para seu corpo, então elas passam a ser significadas como culpadas por toda violência sexual que vierem a sofrer, pelos assobios na rua, pelos comentários machistas nas redes sociais disfarçados de elogios.

O sentido não vem do sujeito, ele provém de outro lugar, anterior e externo aos sujeitos, pois segundo Orlandi ((2015 [1999]) a ideologia é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos, ou seja, o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia. Dessa forma, analisando as condições de produção, a memória que sustenta o discurso e a formação discursiva, percebe-se que o discurso falha, e então, os sentidos (re) produzidos revelam uma desordem, isto é, um sujeito que ao perceber que foi apontado, reconhecido como assediador, revela-se como tal, no entanto, não aceita essa injunção, transferindo a culpa para a mulher, jogando a responsabilidade de sua ação para ela, culpabilizando-a, e podemos dizer, parafraseando a SD9: "quem tem conhecimento da realidade violenta das mulheres" não usa determinadas roupas, muito menos publica fotos usando-as.

4.3 Público X Privado: O papel do digital no assédio sexual

Vejam as 5 sequências discursivas selecionadas:

SD11: *"Vc podia posta foto todo dia na praia / eh bom dms de ver /*
"

SD12: *"Estou tendo algo mais íntimo C quem seleccionei / Vc sabe q isso existe no meio / Mas fico isso entre nós, ok? / Sexo"*

SD13: *"Você tá linda hoje, na verdade você é muito gostosa / Assim Mary eu posso te dar o paraíso ou o inferno / Vc escolhe"*

SD14: *"Vc deve ser uma delícia"*

SD15: *"É mignon mas deve trepar gostoso"*

Essas SDs foram selecionadas de capturas de tela coletadas de sites e portais de notícias, estavam circulando como privadas até serem publicadas em redes sociais e sites de denúncia. A captura de tela da qual a SD11 foi retirada do Portal da Cidade Brumadinho²⁴, em uma situação em que uma mulher denunciou um homem por abordá-la no direct do Instagram após sua postagem de foto de biquíni na praia. A SD12 faz parte de uma captura de tela coletada do site de notícias G1²⁵, da Globo, de uma notícia sobre um caso de assédio sexual por parte de um radialista que fazia propostas de sexo a mulheres durante supostos processos de seleção em empresas de comunicação. A SD13 foi selecionada a partir de uma captura de tela coletada do portal de notícias OCPNews²⁶, de Santa Catarina, em que, na ocasião, uma professora denunciou o diretor de uma escola por assediá-la sexualmente. Já as SDs 14 e 15, ambas foram selecionadas a partir de capturas de tela do site Canaltech²⁷, em que uma mulher modelo expôs prints de mensagens que recebe em seu Facebook.

Relacionando a SD11 com a SD9 "Quem tem conhecimento não posta foto feito puta no face", mostramos o contraste entre os discursos dos sujeitos. Apontamos ao longo das análises algumas regularidades, o que agrupa, mas também apontamos aqui o que rompe. Enquanto o sujeito da SD11 aprova que a mulher publique foto na praia (de biquíni), o outro sujeito, o da SD9, desaprova, mas desaprova apenas após a contestação da mulher em suas investidas. Isso nos leva a pensar na dualidade da relação entre o corpo, a mulher e o espaço

²⁴ Disponível em <https://brumadinho.portaldacidade.com/noticias/policial/mulheres-de-brumadinho-expoem-assedios-sofridos-na-internet-e-ganham-forca-3754> Acesso em 15 de março de 2022

²⁵ Disponível em <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/radialista-e-denunciado-por-assedio-sexual-no-maranhao.ghtml> Acesso em 22 de março de 2022

²⁶ Disponível em <https://ocp.news/seguranca/diretor-de-escola-e-denunciado-por-assedio-em-guaramirim> Acesso em 27 de fevereiro de 2022

²⁷ Disponível em <https://canaltech.com.br/redes-sociais/assedio-sexual-pelas-redes-sociais-tambem-pode-ser-considerado-crime-54641/> Acesso em 27 de fevereiro de 2022

público, ou seja, no espaço da rua e no espaço da rede. Tanto no espaço da rua, quanto no espaço da rede, há lugares ou situações onde a nudez feminina é censurada, não é aceita, não é permitida, diferentemente de outros espaços como sites pornográficos e em determinadas ruas de algumas cidades em que a prostituição é tolerada (CHAVES, 2015).

Chaves (2015, p. 45) afirma que o ciberespaço se constitui "como uma espécie de ramificação do espaço público (op. cit.), estruturado discursivamente, porém, instituindo uma temporalidade própria, simbolizando virtualmente a existência daquilo o que existe no mundo em condições sociais, políticas, históricas e ideológicas". Ou seja, o que acontece no espaço digital é reflexo do que já existe e acontece, por vezes normalizado, no mundo "real", no espaço público. Pois o espaço digital além de produzir mudanças na maneira de circular do sujeito, também é um espaço político-simbólico, que é afetado tanto pelo jurídico quanto pelo social. Pensando nas condições de produção de ambos os enunciados, questionamos: por que o sujeito da SD9, após ter seu ato criticado, desaprova que a mulher poste foto de biquíni, enquanto o da SD11 aprova?

Temos na SD9 um contexto em que a mulher postou foto de biquíni, mas não estava na praia, enquanto a mulher da SD11 postou foto de biquíni estando na praia. Percebemos que há um determinado limite de quando e onde é permitido usar e postar foto de biquíni, ou seja, na praia pode, em casa não. Também tem que saber que se vai postar precisa aguentar o que vem depois, como os assédios, os comentários machistas, sexistas etc., porque todo mundo sabe que se a mulher usa uma roupa curta é porque está pedindo, é porque está querendo ser assediada, ser estuprada. Isso porque determinado público masculino interpreta o uso de uma roupa curta como um convite para abordar de forma desrespeitosa sobre o corpo da mulher.

Percebemos que o emoji da banana está simbolizando o pênis, e o emoji das gotas de água a ejaculação ou o gozo masculino. Percebemos essas significações e os sentidos produzidos pelos emojis pensando a noção de corpografia, que segundo Dias (2008, p. 12) "esse conceito está pautado não na representação da língua, mas no simulacro da língua, pensando a escrita na Internet, e propõe em seus traços uma forma corpográfica do pensamento". Os emojis, em sua materialidade, são carregados de sentidos e significações, sendo também uma forma corpográfica do pensamento, isso porque, segundo Dias (2008, p. 12), a noção de corpografia "pretende descrever o modo como o corpo se inscreve materialmente na língua, pela composição do impossível do corpo e do impossível da

língua". E esse "impossível", segundo Dias (2008), é o lugar de encontro entre a língua e o corpo, dessa forma, pensa-se a língua como simulacro do corpo e não uma mera representação do pensamento. Pensamos então na materialidade desses emojis, enquanto um simulacro da língua, pois eles não apenas representam um pensamento do sujeito, mostram também como o corpo se inscreve materialmente na língua.

No tocante à infantilização, os emojis, apesar de simplificar a comunicação, quando usados em excesso, podem infantilizar a comunicação, mas não significa dizer que são uma linguagem típica ou própria de crianças, além disso, a posição de escrita dos emojis nos enunciados pode determinar a compreensão. Não podemos deixar de mencionar a ambiguidade desses emojis, por isso a questão da posição em que são colocados no enunciado é importante, dependendo ainda das condições de produção. Como saber se o emoji da banana não fala apenas da fruta? Como saber que o emoji de gotas não fala apenas de água ou de suor? Há uma corrente que circula nas redes sociais, principalmente WhatsApp, que associa esses emojis a órgãos sexuais e ao gozo, pela forma do emoji da banana lembrar o órgão sexual masculino, e não apenas isso, a interpretação também se dá pela junção desses emojis, que se usados separados, dependendo da situação, podem ter um outro sentido.

Podemos dizer que o sujeito cita o pênis e o gozo masculino porque no enunciado, em sua linguagem verbal, a conversa é de uma conotação sexual, em que se fala de fotos de biquíni da mulher, e quando se posta fotos de biquíni, se posta também do corpo. Os sentidos são produzidos por um funcionamento da memória discursiva, e segundo Pêcheux (1999 [1983]), esse funcionamento se dá pela repetição de enunciados, formando a regularidade e invocando os significados através dos pré-construídos estabelecidos nos enunciados. Portanto, a memória representa a estabilização do discurso e a possibilidade da repetição. O emoji da banana é um símbolo, e como todo símbolo possui significados e sentidos, este também possui. Criou-se um imaginário que associa a imagem da banana ao órgão sexual masculino. Então, pensando nesses emojis como tendo uma conotação sexual, materializando uma situação de assédio sexual, vemos funcionar uma memória em que a banana representa o pênis.

Isso nos permite pensar nas possíveis paráfrases, como por exemplo, que o sujeito se masturbou ao ver a foto da mulher na praia, possivelmente de biquíni, pois é recorrente que as mulheres que vão à praia, vão com roupas de banho, como o biquíni. Outra paráfrase

possível é que os homens sentem prazer em ver mulheres de biquíni, ficam excitados ao ver mulheres com roupas curtas ou de banho. Os emojis funcionam aqui como uma linguagem não-verbal que produzem sentidos, assim como os enunciados com palavras, embora imagem e língua produzam diferentes efeitos, a partir de sua materialidade específica, e podem expressar sentimentos e emoções, assim como as palavras. Percebemos que o uso dos emojis na SD11 reforça o que está sendo dito pelo sujeito em palavras, ou seja, o sujeito repassa através dos emojis, que é tão bom ver as fotos da mulher na praia que ele chega a gozar, que ele fica excitado ao vê-la de biquíni, e que ele queria todo dia. Pensamos no funcionamento discursivo desses emojis, sem limitá-lo a uma interpretação direta e fechada, e dessa forma, questionamos: Por que enviar emojis ao invés da escrita ou da foto? O que está na ordem do discurso digital que faz emergência na ordem do discurso do assédio? A função discursiva dos emojis pode revelar atitudes, emoções e também intenções de seus interlocutores, guiando a interpretação dos leitores. Combinando a capacidade discursiva dos emojis com as condições em que são utilizados, considerando o meio, isto é, aplicativos de mensagens e redes sociais, facilita-se seu uso relacionado a situações informais e casuais.

Quando alguém compartilha um emoji, não está apenas compartilhando uma imagem, pois a língua e a ideologia se fazem presentes nestes discursos, não só dispersos como também imersos no digital, pois segundo o que afirma Orlandi (2015, p. 51): “A linguagem não é transparente, os sentidos não são conteúdos. É no corpo a corpo com a linguagem que o sujeito (se) diz. E o faz não ficando apenas nas evidências produzidas pela ideologia”, há mais do que vemos superficialmente no uso desses emojis no enunciado da SD11. O emoji, além de transmitir uma significação completa, também complementa de forma não-verbal aquilo que se diz. Então, tentando responder à primeira pergunta, pensamos também em como funciona juridicamente essa questão do assédio sexual, na punição para o ato do assédio, para aqueles enquadrados na posição de assediador, a partir de provas disponibilizadas pela vítima. Tendo conhecimento de tais punições, caso se prove que ele se encaixa nessa posição, o sujeito faz uso dos emojis, para não precisar verbalizar seu dizer, pois o emoji é carregado de sentidos e significações. Dessa forma, o sujeito não diz, mesmo dizendo por meio de marcadores não-verbais, como é o caso dos emojis.

O que está na ordem do discurso digital que faz emergência na ordem do discurso do assédio sexual? O discurso digital tem características peculiares, pelo estilo que pode ser usado na comunicação, como abreviações e o uso de figurinhas e emojis. Dessa forma, o sujeito dispõe de ferramentas que podem facilitar sua intenção ao enunciar algo. Aquilo que

não está autorizado a dizer, por meio da linguagem verbal, pois juridicamente pode acarretar uma punição, mas que pode ser dito com uma linguagem não-verbal, pelo uso de imagens e emojis com duplos sentidos. Dessa forma, caso seja confrontado, pode alegar que os emojis podem significar qualquer outra coisa, que não de ordem sexual.

Pensamos que o emoji usado em uma conversa em ambiente digital só é tido como fazendo sentido se for compreendido enquanto tal pelo receptor, e isso pressupõe um conhecimento mútuo da forma de escrita entre enunciador e receptor. Entendemos essa forma de escrita como um modo por meio do qual o sujeito utiliza-se da língua com intuito de criar suas convenções ortográficas próprias. Segundo Fiorin (2010, p.62), esse processo considera-se um processo dialético entre língua/fala em que “o enunciador, no momento da enunciação, convoca, atualiza, repete, reitera um "já dado" (gêneros, modos de dizer etc.), mas também o revoga, recusa-o, renova-o e transforma-o. Há um domínio do impessoal que rege a enunciação individual”.

A SD12 traz enunciados tirados de uma conversa no WhatsApp entre uma mulher e um homem radialista que fazia propostas de sexo a mulheres durante supostos processos de seleção em empresas de comunicação, no Maranhão. Percebemos nessa SD, um discurso sexista que vê a mulher apenas como corpo, que pode oferecer algum favor sexual em troca de favores profissionais. Ou seja, estou tendo algo mais íntimo, transando com quem selecionei, como se isso fosse um requisito para conseguir uma vaga de emprego, porque vivemos em uma sociedade que faz questão de mostrar que a mulher não é valorizada pela sua competência profissional, pela sua capacidade intelectual, mas seu valor é medido pela sua performance sexual, pelos favores sexuais que ela pode oferecer em troca de um trabalho. Por que o homem pede segredo para a mulher sobre fazer sexo com ela? O que tem de errado no que ele sugere para que seja necessário manter segredo?

Segundo o Art. 216-A, da Lei 10.224, de 15 de maio de 2001, o crime de assédio sexual se define como o ato de "constranger alguém com o intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual, prevalecendo-se o agente da sua condição de superior hierárquico ou ascendência inerentes ao exercício de emprego, cargo ou função" (AGÊNCIA SENADO, 2021, s/p)²⁸. Partindo disso, voltamos ao que diz o enunciado da SD12, quando o sujeito pede que fique só entre eles o fato de fazerem sexo. Temos um sujeito, que é homem, que é

²⁸ Disponível em <https://www12.senado.leg.br/noticias/audios/2021/05/lei-do-assedio-sexual-completa-20-anos-em-15-de-maio>

o empregador, ou seja, o chefe, e temos um outro sujeito que é mulher e está à procura do emprego, portanto está em uma posição hierárquica mais baixa. Percebemos que o homem se vale de sua posição para obter favores sexuais da mulher, o que configura em assédio sexual segundo a Lei 10.224, de 15 de maio de 2001, e reforça a ideologia machista de que a mulher nasceu para se sujeitar ao homem, seja profissional ou sexualmente. Isso nos leva novamente aos casos de mulheres racializadas que são expostas contra sua vontade todos os dias ao assédio sexual e à outras violências, para conseguir seu espaço na sociedade. Não raro vemos situações de mulheres negras e da periferia que vão à procura de emprego como domésticas e acabam recebendo propostas de sexo.

Vergès (2020) aponta que todos os dias e em todo lugar, milhares de mulheres negras, mulheres racializadas, mulheres da periferia, "abrem" a cidade. São as responsáveis pela limpeza dos espaços que o capitalismo neoliberal e o patriarcado precisam para funcionar. E é importante pensar que essas mesmas mulheres responsáveis por limpar a bagunça, são as mulheres mais violentadas por esse sistema machista e violento. Segundo a autora, o trabalho que elas desempenham é perigoso, mal pago e considerado não qualificado, e por serem expostas a produtos químicos tóxicos, acabam adoecendo. Vergès (2020) enuncia que

Geralmente, viajam por longas horas de manhã cedo ou tarde da noite. Um segundo grupo de mulheres racializadas, que compartilha com o primeiro uma interseção entre classe, raça e gênero, vai às casas da classe média para cozinhar, limpar, cuidar das crianças e das pessoas idosas para que aquelas que as empregam possam trabalhar, praticar esporte e fazer compras nos lugares que foram limpos pelo primeiro grupo de mulheres racializadas. (VERGÈS, 2020, p. 12)

Essas mulheres, como vemos no exemplo de Vergès (2020), são as mulheres negras, racializadas, as mesmas mulheres que são hipersexualizadas principalmente no período do carnaval, onde a beleza negra é posta como referência do exótico, são as mesmas mulheres objetificadas, que são vistas apenas para o sexo e para o trabalho na cozinha e na limpeza. São as donas do corpo eficiente do qual fala Vergès (2020), que diz que o proprietário do corpo eficiente, além de tomar como medida o corpo branco e masculino, deve também demonstrar disposição de passar horas na academia ou no escritório, trabalhando exaustivamente, pois isso é um sinal de sucesso e de sua adesão à ordem dominante, ou seja, o esgotamento é a prova do seu triunfo sobre as necessidades básicas dos simples mortais.

Segundo Vergès (2020, p. 13) "O proprietário do corpo invisível é uma mulher negra, cujo esgotamento é a consequência da lógica histórica do extrativismo que construiu a

acumulação primitiva do capital – extração de trabalho dos corpos racializados e das terras colonizadas". Vergès fala sobre a invisibilização do corpo negro, e questionamos aqui: em quais espaços esse corpo negro é invisível? Quais os limites dessa invisibilidade do corpo da mulher negra? Por que ela não é invisível também nas avenidas no carnaval? Segundo Gonzalez (1983)

O engendramento da mulata e da doméstica se fez a partir da figura da mucama. E, pelo visto, não é por acaso que, no Aurélio, a outra função da mucama está entre parênteses. Deve ser ocultada, recalcada, tirada de cena. Mas isso não significa que não esteja aí, com sua malemolência perturbadora. E o momento privilegiado em que sua presença se torna manifesta é justamente o da exaltação mítica da mulata nesse entre parênteses que é o carnaval. (GONZALEZ, 1983, p. 230)

Ou seja, segundo Gonzalez (1983) a mulata é vista como se fossem duas em uma mesma mulher, e essa visão se deu a partir da figura da mucama. Em um momento é exaltada a beleza mítica e exótica da mulata, que é o carnaval, enquanto em outro momento, em outro espaço, entra em cena apenas a doméstica, que de acordo com Gonzalez (1983, p. 230) "nada mais é do que a mucama permitida, a da prestação de bens e serviços, ou seja, o burro de carga que carrega sua família e a dos outros nas costas". Dessa forma, a mulher racializada enquanto doméstica, acaba sendo o oposto da exaltação, segundo Gonzalez (1983), por estar no cotidiano, que faz com que a mulher negra seja vista como doméstica. Temos então a figura da mulher negra, a mulata gostosa, que tem samba no pé, a representatividade do carnaval, que só é vista como tal no período do carnaval. E temos a negra doméstica, que é vista com o único papel de servir a classe e a raça dominante, pois ainda segundo Gonzalez (1983), de nada adianta serem "educadas" ou estarem "bem vestidas", já que "boa aparência" é uma categoria branca.

Percebemos regularidades entre as SDs 13 e 14, novamente nos sentidos de 'gostosa' e de 'delícia', assim como nas SDS 2, 6, 7 e 8. Novamente os adjetivos usados para alimentos, relacionado ao paladar, aparecem como qualidade do que é ser mulher bonita, sexualmente atraente para o homem. Além disso, é possível ver no enunciado da SD13 o comportamento do homem diante de possível recusa da mulher sobre suas investidas sexuais. Quando ele enuncia "*Assim Mary eu posso te dar o paraíso ou o inferno / Vc escolhe*", é possível perceber que o sujeito, ao mesmo tempo em que ameaça a mulher, também oferece algo tão bom, que segundo ele pode ser comparado ao paraíso. O sujeito aparentemente deixa a escolha a critério da mulher, mas percebemos que existe aqui um deslizamento no sentido de que a mulher não tem essa escolha, ou seja, quando ele a ameaça prometendo o paraíso

ou o inferno, ele está automaticamente forçando-a a escolher "o paraíso", ou seja, escolher ter algo íntimo com ele. Diante disso, podemos indicar possíveis paráfrases para esses enunciados, como por exemplo: "Se você não quiser transar comigo eu farei de sua vida um inferno", "Se você escolher ter algo íntimo comigo eu vou te dar o céu", "Posso fazer de sua vida um inferno ou um paraíso, dependendo de sua escolha de ceder ou não aos meus assédios", etc.

Considerações finais

Inicialmente, apontamos os sentidos de uma masculinidade que só se projeta e se significa pela violência, como se o homem, para ser homem de fato, precisasse usar a violência - seja simbólica ou física - para se constituir como homem hétero, homem macho, e percebemos ainda que os sentidos de mulher são construídos sócio-historicamente, pois a mulher não nasce mulher, ela se torna, segundo o imaginário que a sociedade criou do que é ser mulher. Analisamos as regularidades presentes nos discursos e os efeitos de sentidos projetados nos enunciados que circulam no digital, percebemos então, o funcionamento da memória discursiva que foi possível pela retomada desses discursos machistas e (falso)moralistas nas situações de assédio sexual contra mulheres, e ainda dos contradiscursos em denúncias de assédio sexual postas em circulação através de páginas de "exposed" das redes sociais e de portais de notícia. Apontamos ainda em nossas análises, algumas regularidades e rupturas nas SDs analisadas, principalmente nos sentidos de ser mulher e de ser homem.

Em nossas análises, a partir de uma reflexão interseccional, identificamos um sentido de mulher em dupla versão, ou seja, a que é santa e ao mesmo tempo é puta, é esposa do lar e prostituta da rua, a que pode ser santa na rua e puta na cama. Refletimos ainda sobre os sentidos de mulher da periferia que por usar roupas decotadas e curtas, é considerada puta, vadia.

E esses sentidos são determinados principalmente pelo discurso machista, pois enquanto hipersexualiza e objetifica a imagem da mulher, também constitui ao mesmo tempo o lugar discursivo do homem cis heterossexual, e esse é um processo que se encontra na base de inúmeras violências simbólicas contra a mulher, a exemplo disso temos a naturalização da cultura do assédio sexual e da cultura do estupro. Percebemos em nossos gestos de análise que o homem que se identifica com essa posição-sujeito podemos dizer que é também um

dos responsáveis pelas violências de gênero, visto que e acaba por ser tomado pela evidência ideológica, pelo imaginário que se criou de que é ele o dono do corpo da mulher, seja no espaço público, seja no espaço privado, como vemos nas SDs analisadas.

As análises apontaram para além do discurso machista, ou seja, apontou também para o que identificamos como discurso (falso)moralista e elitista, reforçando a ideia de que mulheres que estudam, mulheres 'instruídas', de boa classe, não se comportam de determinada forma, e esse discurso (re)produz uma memória da mulher que se posiciona em dois lugares, isto é, a mulher instruída para o lar, que será boa esposa e boa mãe, e a mulher para o sexo, sendo que essa última é a mais suscetível de ser assediada, dessa forma o machismo seleciona quem pode/vai ser assediada, onde pode ser assediada, e apresenta-se como um meio de punição à mulher que foge ao padrão do lar. Apesar de sabermos que o machismo é uma estrutura histórica que está em funcionamento há séculos, assujeitando, determinando papéis, buscamos aqui pensar como esses funcionamentos, ou seja, as práticas de assédio sexual no digital acontecem, e como determinam papéis, tanto do homem quanto da mulher. O machismo entra como um dos elementos da ordem do discurso.

No que se refere à denúncia e ao privado, pontuamos em nossas análises que o mecanismo da denúncia politiza o privado quando torna conhecido aquilo que se omitia, o que não era conhecido por parte de um determinado interlocutor e em determinadas condições de produção, fazendo com que o até então era privado, íntimo, se torne um assunto público, e isso é feito através da possibilidade de um print. A mulher então passa de objeto discursivo à posição de sujeito, dessa forma, dialogamos com Chaves (2015), propondo que a “mulher falada”, muda da posição de objeto discursivo para a de sujeito ao romper o silêncio da violência, ou seja, ao se posicionar contra as práticas de assédio e abuso sexual, falando por aí própria, contestando determinados sentidos atribuídos à ela por uma rede de memória, dando espaço para o lugar discursivo de denunciante como parte do processo de subjetivação. Percebemos que há uma série de desdobramentos a partir da #Exposed, há por um lado, a opacidade do termo exposed/expor, e por outro lado, algumas memórias e discursividades que estão sendo atualizadas, outros movimentos e hashtags que estão sendo filiadas a esse movimento de expor.

Pontuamos ainda que a noção de ambiente digital possibilitou que na análise alcançássemos a circulação de determinadas formulações no espaço privado de redes sociais publicizadas através de portais de notícias e algumas páginas de exposed do Twitter. Dessa

forma, destacamos a importância do ambiente digital que aparentemente tem um papel primordial nos gestos de denúncias anônimas, mas consideramos aprofundar a análise a fim de verificar o funcionamento do digital nesse sentido. Contudo, podemos constatar que o ambiente digital parece ser um tanto contraditório, onde ao mesmo tempo em que as mulheres são expostas ao assédio sexual, assediadores também são expostos e denunciados, em páginas de denúncias, anônimas ou não, possibilitando à mulher que ocupe um lugar, que é o de sujeitos que denunciam o assédio, recusando e denunciando também violências outras. Além disso, percebemos o espaço digital como uma ramificação do espaço público, que simboliza virtualmente algo que acontece no mundo real, no mundo em condições sociais, políticas, históricas e ideológicas.

REFERÊNCIAS

ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. Feminismo para os 99%: um manifesto. São Paulo: Boitempo, 2019.

BALDINI, L. J. S; DI NIZO, P. L. O cinismo como prática ideológica. Estudos da Língua(gem), Vitória da Conquista, v. 13, n. 2, p. 131-158, dezembro de 2015.

BUTLER, Judith. Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CESTARI, Mariana Jafet. Marcha das vadias: sobre putas e santas? In: SOARES, A. S. & GARCIA, D. A. Inquietações de gêneros e sexualidades: leituras na contemporaneidade. Porto Alegre: Unioeste, Evangraf, 2017.

CESTARI, Mariana Jafet. Vozes-mulheres negras ou feministas e antirracistas graças às Yabás. 2015. 264 f. Tese de Doutorado - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Instituto de Estudos da Linguagem.

CHAVES, Tyara Veriato; RIBEIRO, K. M.. 'É metafísica pura ou putaria das grossas?': o (baixo) materialismo no corpo da língua. 2017. (Apresentação de Trabalho/Simpósio).

CHAVES, Tyara Veriato. Da Marcha das Vadias às vadias da marcha: discursos sobre

as mulheres e o espaço. Campinas, SP: [s.n.], 2015.

CHAVES, Tyara Veriato. 2013 - MARCHA DAS VADIAS. CORPO, SUJEITO E IDEOLOGIA. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013. ISSN 2179-510X.

DIAS, Cristiane. Da corpografia: ensaio sobre a língua/escrita na materialidade digital / Cristiane Dias. – Santa Maria: UFSM, PPGL, 2008.

EL PAÍS. #MeuAmigoSecreto, nova investida feminista contra o machismo velado. 2015. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/25/politica/1448451683866934.html>. Acesso em: 08 nov. 2022.

EL PAÍS. Como o Me Too mudou Hollywood com mulheres famosas e poderosas. 2019. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/24/internacional/1571945213631882.html>. Acesso em: 08 nov. 2022.

FANTINEL, Aline Luane. Do grito que clama por atenção ao “inaudível” que ecoa: um estudo discursivo sobre as vozes do agressor e da agredida em fotografias do Project Unbreakable. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Concentração em Linguagem e Sociedade, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste. Cascavel, 2018.

FELMAN, Shoshana. O inconsciente jurídico: julgamentos e traumas no século XX. Tradução Ariani Bueno Sudatti. São Paulo: EDIPRO, 2014.

FIORIN, José Luiz. Práxis enunciativa. Coleção Mestrado em Linguística, v.5, 2010. Editora Unifran, Franca. Disponível em: <http://publicacoes.unifran.br/index.php/colecaoMestradoEmLinguistica/issue/view/54>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

FRANÇA, Glória. Entre ditos e não-ditos. A imagem da mulher brasileira no discurso do turismo. In: **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos)**, Florianópolis, 2013.

FRANÇA, Glória. Sobre (e n) o corpo: o discurso do turismo sexual nos ambientes digital e off-line. In: **Redisco**. Vitória da Conquista, v. 10, n. 2, p. 81-98, 2016. ISSN 2316-1213. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/redisco/article/view/2520/2085>

FRANÇA, Glória. Por lentes de gênero e raça: análise de discursos sobre uma brasilianidade. In: ZOPPI FONTANA, Mônica Graciela; FERRARI, Ana Josefina (Orgs.). **Mulheres em discurso: Processos de identificação e práticas de resistência**. 1. ed. Campinas, SP: Pontes, 2017.

FRANÇA, Glória. **Gênero, raça e colonização: A brasilidade no olhar do discurso turístico no Brasil e na França**. Université Sorbonne Paris Cité; Universidade estadual de Campinas (Brésil), 2018. Tese de doutorado.

GONZALEZ, Lélia. "Racismo e sexismo na cultura brasileira". In: SILVA, L. A. et al. Movimentos sociais urbanos, minorias e outros estudos. Ciências Sociais Hoje, Brasília, ANPOCS n. 2, p. 223-244, 1983.

GUIMARÃES, Eduardo. Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação. Campinas: Pontes, 2002.

GRIGOLETTO, Evandra. Do lugar social ao lugar discursivo: o imbricamento de diferentes posições-sujeito. In: Seminário de Estudos em Análise do Discurso (2.: 2005: Porto Alegre, RS) Anais do II SEAD - Seminário de Estudos em Análise do Discurso [recurso eletrônico] – Porto Alegre: UFRGS, 2005. Disponível em: <https://www.discursosead.com.br/ii-sead-2005>. ISSN 2237-8146

INDURSKY, Freda. Memória e história na/da análise do discurso. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

MALDIDIER, Denise. A inquietação do discurso - (Re)ler Michel Pêcheux hoje. Campinas: Ed. Pontes, 2003.

MITTMANN, S. "Alguns apontamentos sobre militância digital". In: GRIGOLETTO, E.; NARDI, F. S.; SCHONS, C. R. (Org.). Discursos em rede: práticas de (re)produção, movimentos de resistência e constituição de subjetividades no ciberespaço. Recife: Ed. Universitária, UFPE, 2011.

MODESTO, Rogério. A DENÚNCIA NA TEXTUALIZAÇÃO DO SOCIAL NO ENLACE DAS MATERIALIDADES SIGNIFICANTES. Revista Línguas & Letras – Unioeste – Vol. 16 – Nº 34 – 2015 e-ISSN: 1981-4755.

MOTA, Ilka de Oliveira. O corpo no imaginário nacional - uma análise da textualização do corpo feminino no espaço discursivo da "Brazil sex magazine: uma revista 100% nacional"

ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de discurso: princípios e procedimentos. In: Análise de discurso: princípios e procedimentos. 2015 [1999].

ORLANDI, Eni Puccinelli. Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2001.

ORLANDI, Eni Puccinelli. As formas do silêncio: no movimento dos sentidos. 6ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Terra à vista- Discurso do confronto: Velho e Novo Mundo. 2ª ed. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008.

ORLANDI, Eni P. "Segmentar ou recortar". In Linguística: questões e controvérsias, publicação do Curso de Letras do Centro de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas de Uberaba, Série Estudos – 10, 1984, pp. 9-26.

PÊCHEUX, Michel. O discurso: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes Editores, [1983] 2008.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. (Trad. Bethânia S. Mariani et al.). 3.ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, [1975] 1997.p. 163-252.

PÊCHEUX, Michel. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi et al. - 5ª ed. - Campinas, SP: Editora da Unicamp, [1975] 2014.

PÊCHEUX, Michel. A aplicação dos conceitos da Linguística para melhoria das técnicas de Análise de Conteúdo. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de Discurso: Michel Pêcheux. (Trad. Carolina Rodríguez-Alcalá). 4. ed. Campinas: Pontes, [1973] 2012a. p. 203-226.

PÊCHEUX, Michel. “Metáfora e Interdiscurso”. In: Análise de Discurso – textos selecionados por Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes, [1984] 2012b.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória (1983). In: ACHARD, P. et al. (org.). Papel da memória. Campinas: Pontes, 1999 [1983]

ROBIN, R. A memória saturada. Trad. Cristiane Dias; Greciely Costa. Campinas: Editora da Unicamp, 2016.

ROSSI, Giovana. A culpabilização da vítima no crime de estupro: os estereótipos de gênero e o mito da imparcialidade jurídica. Florianópolis-SC: Editora Empório do Direito, 2016.

UOL. Mais vulneráveis ao assédio, mulheres negras contam casos de preconceito. 2018. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2018/11/20/mais-vulneraveis-ao-assedio-mulheres-negras-contam-casos-de-preconceito.htm>. Acesso em 08 nov. de 2022.

UOL. Exposed na internet: entre o acolhimento de vítimas e o linchamento virtual. 2020. Disponível em https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/06/13/exposed-entre-o-acolhimento-das-vitimas-e-o-linchamento-virtual-dos-reus.htm#amp_tf=De%20%251%24s&aoh=16680053301191&referrer=https%3A%2F%2Fwww.google.com&share=https%3A%2F%2Ftab.uol.com.br%2Fnoticias%2Fredacao%2F2020%2F06%2F13%2Fexposed-entre-o-acolhimento-das-vitimas-e-o-linchamento-virtual-dos-reus.htm?cmpid=copiaecola. Acesso em: 08 nov. 2022.

VEJA. Você sabe o que é o movimento #MeToo? 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/ideos/veja-explica/voce-sabr-o-que-e-o-movimento-metoo-veja-explica/>. Acesso em: 08 nov. 2022.

VERGÈS, Françoise. Um feminismo decolonial. Ed. Ubu. 1ª Ed. 2020.

ZOPPI-FONTANA, M. G. Lugares de enunciação e discurso. II Congresso Internacional da ABRALIN, Fortaleza, Universidade Federal do Ceará/ABRALIN, 2001. In: Boletim da Associação Brasileira de Linguística. v. 1, p. 199-201. Fortaleza:

ABRALIN/UFC, 2003.

ZOPPI-FONTANA, Mônica G. ARQUIVO JURÍDICO E EXTERIORIDADE: A construção do corpus discursivo e sua descrição/interpretação. In: E. Guimarães e M. R. Brum de Paula. Memória e sentido. Santa Maria, UFSM/PONTES, 2005, p.93-116.

ZOPPI-FONTANA, Mônica G. “Lugar de fala”: enunciação, subjetivação, resistência. Conexão Letras - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, v. 12, n. 18, p. 68-71, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/conexaoletras/article/view/79457/46458>. Acesso em: 12 nov. 2022.

ANEXOS

Leis nas quais o assédio sexual virtual se enquadra

<p>Importunação sexual - Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940.</p> <p>Importunação sexual (Incluído pela Lei nº 13.718, de 2018)</p> <p>https://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/campanhas-e-produtos/direito-facil/edicao-semanal/importunacao-sexual-x-assedio-sexual</p>	<p>Importunação sexual</p> <p>"Art. 215-A. Praticar contra alguém e sem a sua anuência ato libidinoso com o objetivo de satisfazer a própria lascívia ou a de terceiro." (Incluído pela Lei nº 13.718, de 2018)</p> <p>"Pena - reclusão, de 1 (um) a 5 (cinco) anos, se o ato não constitui crime mais grave." (Incluído pela Lei nº 13.718, de 2018)</p>
<p>Stalking - Lei 14.132, de 2021</p> <p>https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.132-de-31-de-marco-de-2021-311668732</p>	<p>Perseguição</p> <p>"Art. 147-A. Perseguir alguém, reiteradamente e por qualquer meio, ameaçando-lhe a integridade física ou psicológica, restringindo-lhe a capacidade de locomoção ou, de qualquer forma, invadindo ou perturbando sua esfera de liberdade ou privacidade."</p> <p>"Pena - reclusão, de 6 (seis) meses a 2 (dois) anos, e multa."</p> <p>§ 1º A pena é aumentada de metade se o crime é cometido:</p> <p>I - Contra criança, adolescente ou idoso;</p> <p>II - Contra mulher por razões da condição de sexo feminino, nos termos do § 2º-A do art. 121 deste Código;</p> <p>III - mediante concurso de 2 (duas) ou mais pessoas ou com o emprego de arma.</p> <p>§ 2º As penas deste artigo são aplicáveis sem prejuízo das correspondentes à violência.</p> <p>§ 3º Somente se procede mediante representação.</p>
<p>Assédio sexual - Lei 10.224, de 15 de maio de 2001</p> <p>https://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/campanhas-e-produtos/direito-facil/edicao-semanal/importunacao-sexual-x-assedio-sexual</p>	<p>Assédio sexual</p> <p>"Art. 216-A. Constranger alguém com o intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual, prevalecendo-se o agente da sua condição de superior hierárquico ou ascendência inerentes ao exercício de emprego, cargo ou função." (Incluído pela Lei nº 10.224, de 15 de 2001)</p> <p>"Pena – detenção, de 1 (um) a 2 (dois) anos."</p> <p>Parágrafo único. (VETADO) (Incluído pela Lei nº 10.224, de 15 de 2001)</p> <p>§ 2º A pena é aumentada em até um terço se a vítima é menor de 18 (dezoito) anos. (Incluído pela Lei nº 12.015, de 2009)</p>

Reportagens e comentários publicados nos portais de notícias e no Twitter

Reportagem publicada no Portal R7	https://noticias.r7.com/educacao/voce-e-uma-tentacao-adolescentes-acusam-professor-de-assedio-05012017
Reportagem publicada no Portal da Cidade Brumadinho	https://brumadinho.portaldacidade.com/noticias/policial/mulheres-de-brumadinho-expoem-assedios-sofridos-na-internet-e-ganham-forca-3754
Reportagem publicada no site do G1	https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/radialista-e-denunciado-por-assedio-sexual-no-maranhao.ghtml
Reportagem publicada no site OCPNews	https://ocp.news/seguranca/diretor-de-escola-e-denunciado-por-assedio-em-guaramirim
Reportagem publicada no site Canaltech	https://canaltech.com.br/redes-sociais/assedio-sexual-pelas-redes-sociais-tambem-pode-ser-considerado-crime-54641/

O que se fala sobre o Exposed e hashtags de denúncia na internet?

Reportagem do blog Verifact	https://www.verifact.com.br/exposed-quando-a-vitima-expoe-publicamente-na-internet-a-pessoa-que-cometeu-a-violencia/#:~:text=Com%20as%20comprova%C3%A7%C3%B5es%20dos%20ataques,Justiceiras%20e%20Me%20too%20Brasil.%E2%80%9D
Reportagem de TAB UOL	https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/06/13/exposed-entre-o-acolhimento-das-vitimas-e-o-linchamento-virtual-dos-reus.htm#amp_tf=De%20%251%24s&aoh=16680053301191&referrer=https%3A%2F%2Fwww.google.com&ampshare=https%3A%2F%2Ftab.uol.com.br%2Fnoticias%2Fredacao%2F2020%2F06%2F13%2Fexposed-entre-o-acolhimento-das-vitimas-e-o-linchamento-virtual-dos-reus.htm
Reportagem de O Povo	https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2020/06/26/advogada-da-dicas-de-como-fazer-um--exposed-juridicamente-seguro.html
Reportagem do site da Agência Patrícia Galvão	https://agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/violencia-internet/seguindo-o-fio-do-exposed-possibilidades-riscos-e-potencias-de-desabafos-e-denuncias-de-violencias-contras-mulheres-na-internet-por-beatriz-accioly/

Reportagem de iG Delas	https://www.google.com/amp/s/delas.ig.com.br/comportamento/2020-06-04/mulheres-criam-hashtag-em-apoio-a-jovens-chamadas-de-vagabunda.html.amp
Reportagem de Braga & Ruzzi - Sociedade de advogados	https://bragaruzzi.com.br/2018/04/25/sofri-uma-violencia-posso-expor-meu-agressor-na-internet/
Reportagem do site Galileu	https://revistagalileu-globo.com.cdn.ampproject.org/v/s/revistagalileu.globo.com/amp/blogs/buzz/noticia/2015/11/20-relatos-da-hashtag-meuamigosecreto-que-precisam-ser-lidos.html?amp_gsa=1&amp_js_v=a9&usqp=mq331AQKKAFAQrABIICAw%3D%3D#amp_tf=De%20%251%24s&aoh=16681914616223&referrer=https%3A%2F%2Fwww.google.com&ampshare=https%3A%2F%2Frevistagalileu.globo.com%2Fblogs%2Fbuzz%2Fnoticia%2F2015%2F11%2F20-relatos-da-hashtag-meuamigosecreto-que-precisam-ser-lidos.html

O que se fala na internet sobre o que é o assédio virtual?

Reportagem do site Migalhas de peso	https://www.migalhas.com.br/depeso/366628/o-que-e-assedio-virtual
Reportagem do site Migalhas de peso	https://www-migalhas-com-br.cdn.ampproject.org/v/s/www.migalhas.com.br/amp/depeso/361963/ Crimes-sexuais-pela-internet-a-violencia-contra-a-mulher?amp_gsa=1&amp_js_v=a9&usqp=mq331AQKKAFAQrABIICAw%3D%3D#amp_tf=De%20%251%24s&aoh=16680053301191&referrer=https%3A%2F%2Fwww.google.com&ampshare=https%3A%2F%2Fwww.migalhas.com.br%2Fdepeso%2F361963%2Fcrimes-sexuais-pela-internet-a-violencia-contra-a-mulher
Reportagem do G1	https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/10/20/importunacao-sexual-enviar-nudes-sem-consentimento-e-crime-entenda.ghtml

Capturas de tela de Reportagens publicadas no Portal R7, Portal da Cidade Brumadinho, G1, OCPNews e Canaltech

R7 EDUCAÇÃO | "Você é uma tentação": adolescentes acusam professor de assédio

"Você é uma tentação": adolescentes acusam professor de assédio

Jovens e menores de idade recebiam mensagens inapropriadas de docente de escola da BA

EDUCAÇÃO | *Giorgia Cavicchioli, do R7*
03/01/2017 - 23h47 ATUALIZADO EM 03/01/2017 - 09h32

Quero: Você e um 0:00 1 minuto

A- A+

O professor demonstrava interesse em saber a idade das jovens estudantes que ele assediava pela internet ARGUMENTO PESSOAL

Adolescentes que estudam na escola Djalmi Pessoa, em Salvador (BA), se uniram para denunciar um professor de geografia por assédio.

O homem, que lecionava na escola até 2016, adicionava as alunas — muitas delas menores de idade — em seu perfil no Facebook e conversava com elas por meio de uma caixa de mensagens privada. Depois de pouco papo, começavam os assédios.

O R7 entrou em contato com a assessoria de imprensa do Sesi Bahia, que administra a escola particular, para pedir um posicionamento sobre os casos de assédio.

Leia a nota na íntegra:

"O Sesi Bahia tomou conhecimento, nesta segunda-feira, 2 de janeiro de 2017, por meio das redes sociais, de suposto assédio praticado por professor de uma de suas escolas contra uma aluna.

Diante da gravidade do assunto, o Sesi Bahia determinou a apuração imediata e a adoção de todas as providências cabíveis.

O Sesi Bahia repudia incondicionalmente qualquer ato de desrespeito à pessoa e está integralmente comprometido com os valores estabelecidos no Código de Conduta Ética da entidade, que cobre todo e qualquer prática de assédio, violência e desrespeito ao indivíduo".



ASSÉDIO
Mulheres de Brumadinho relatam assédios sofridos na internet

Manifestações ocorreram desde a publicação de um vídeo e desabalo de uma mulher, em seu Instagram, expondo situação que a incomodou. Assédio é recorrente.

Publicado em 15/05/2021 às 07:26
 Atualizado em 15/05/2021 às 20:06

Esse tipo de "cantada" invasiva pode ser considerada uma contravenção penal de importunação ofensiva ao pudor, definida pelo artigo 61 da Lei de Contravenções Penais - Lei nº 3688/41 (Foto: Arquivo Portal da Cidade)

O assédio envolve uma série de condutas ofensivas à dignidade que desrespeitam a liberdade da vítima e sua integridade física, moral ou psicológica, e isso se perpetua pessoalmente e também pela internet. Em Brumadinho, vez ou outra, alguma mulher resolve fazer um desabalo sobre isso, sem citar nomes ou expor o assediador. Exemplos de assédios vão desde trazer a vítima com inferioridade, criticar seu modo de vestir, controlar sua liberdade de ir e vir, controlar seus vínculos sociais, agressões físicas e manipulação psicológica, dentre outros, até fazer elogios com teor sexual, sobretudo em resposta às fotos e vídeos em redes sociais.

Talvez o que mais aconteça, segundo relato de várias mulheres são os exagerados "elogios" que, muitas vezes, iniciam com pensamentos machistas e levam a comportamento agressor. É importante lembrar que quando não há consentimento, há assédio, e isso se perfaz na maioria das vezes.

Continua depois da publicidade

2 de mai 09:43

77% das mulheres sofrem assédio pela internet

De acordo com pesquisa feita pela [ONG Fun Intercultural](#), no Brasil, dentre os tipos de assédio, o mais comum é o da linguagem abusiva e insultuosa, em que 58% das meninas relataram já terem vivido ou conhecido meninas que enfrentaram a situação. Em seguida está o body shaming, que é direcionado ao corpo da mulher, com uma porcentagem de 54%. Com 52%, está o constrangimento proposital. Outros tipos de assédio também foram relatados, como ameaças de violência sexual, comentários igetólicios, racistas ou perseguição.

Saiba onde e como denunciar

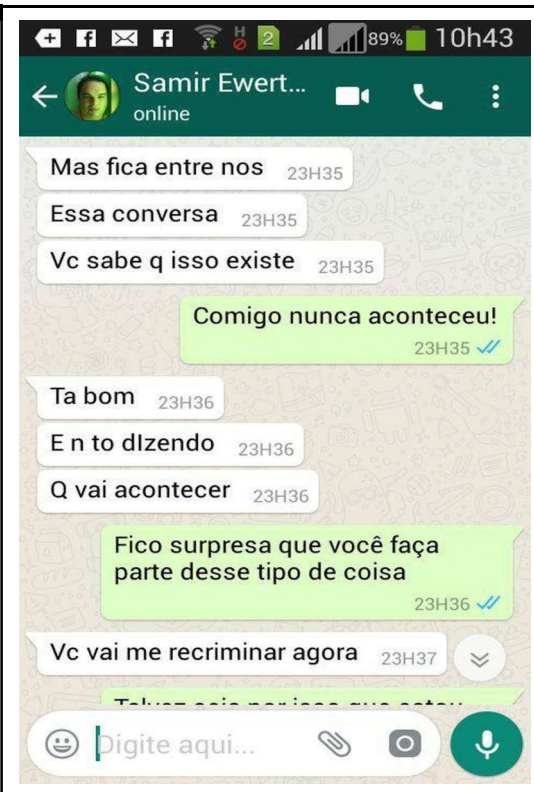
Um problema relatado por algumas mulheres é a falta de ferramentas para realizar a denúncia pela internet. Existem mecanismos institucionais e legais que devem sim ser acionados em caso de assédio. A vítima deve procurar a Delegacia de Polícia Civil ou as delegacias especializadas da mulher no estado de Minas Gerais, bem como ligar para o Disque 180, que consiste em um serviço de denúncia para relatar violência contra a mulher.

Outros casos de assédio podem ser registrados nas Delegacias da Mulher, existem práticas que podem ser registradas em órgãos de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente. Para os demais:

- Delegacia de Crimes Cibernéticos, da **Polícia Civil**, em Belo Horizonte, que fica na Avenida Francisco Sales, 780, Santa Efigênia, Belo Horizonte. Telefone: (31) 3217-9710
- Delegacia de Atendimento à Mulher: Av. Barbacena, 288 - Barro Preto, Belo Horizonte - MG, 30190-130. Telefone: (31) 3330-5707. **Atendimento 24h.**
- Centro Integrado da Mulher - Vara Civil da Infância e da Juventude: Av. Olegário Maciel, 600 - Centro, Belo Horizonte - MG, 30180-110. Telefone: (31) 3207-8100

Fonte: Portal da Cidade Brumadinho





Teste do sofá ainda é aplicado para recrutamento de jornalistas em São Luís

QUEM SOU



Jornalista e escritora e que, motivada sempre pelas relações interpessoais deste mundo, procura sempre inspirações e temas para escrever naquilo que acha mais instigante: o ser humano e suas relações de afeto.

ARQUIVOS

- dezembro 2018 (1)
- dezembro 2017 (1)
- novembro 2017 (2)
- outubro 2017 (2)
- julho 2017 (1)
- janeiro 2017 (1)
- dezembro 2016 (1)
- novembro 2016 (1)
- setembro 2016 (1)
- agosto 2016 (2)
- dezembro 2015 (1)
- outubro 2015 (2)
- agosto 2015 (1)
- julho 2015 (1)

Na última semana a TV Metropolitana anunciou abertura de um processo seletivo para jornalistas atuarem nas funções de repórter, produtores, editores e etc em São Luís. O anúncio rapidamente viralizou pelas redes sociais e grupos de whatsapp onde pessoas ávidas por uma vaga de emprego começaram a corresponder ao anúncio, enviando seus currículos profissionais para concorrer às vagas ofertadas. Os responsáveis por esse processo de recrutamento ainda de acordo com o anúncio eram o jornalista Henrique Paz e o radialista Samir Ewerton. Eu como as demais pessoas que estão em busca de uma vaga de emprego no mercado de trabalho tão escasso para jornalistas, apostei e enviei meu currículo e que para minha decepção, consternação, e perplexidade me foi respondido da seguinte forma como então passo a mostra nos prints de uma conversa via whatsapp:

Diretor de escola é denunciado por assédio em Guarimir. Veja as mensagens

OP News

Crônica

Foto Divulgação

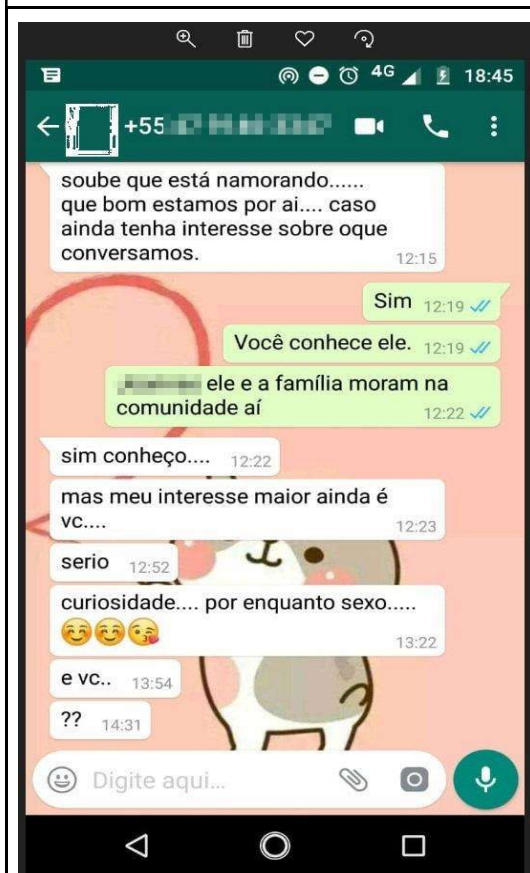
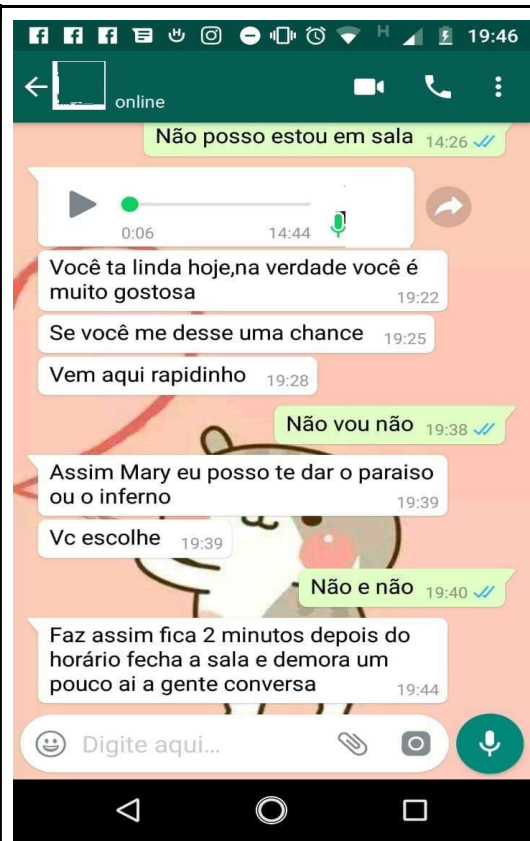
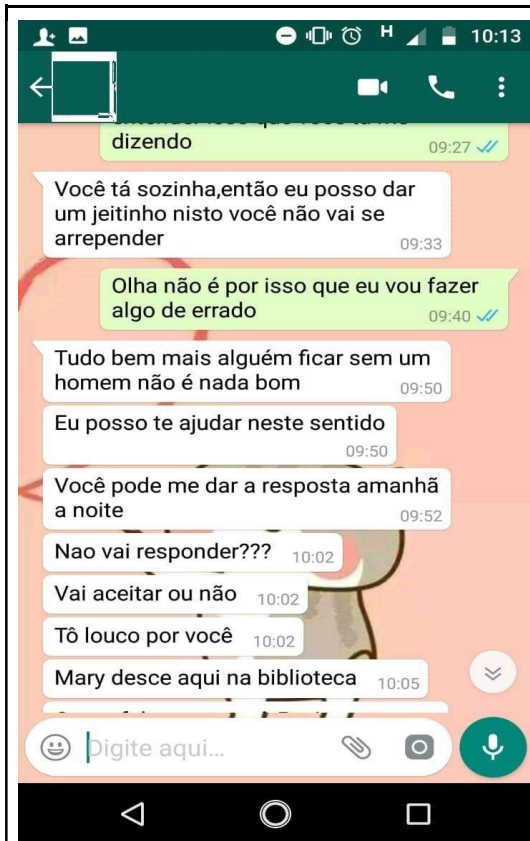
Segurança

Por OCP News Jersoul do Sul quinta-feira, 10:39 - 23/08/2018

O caso do diretor da Escola Estadual São Pedro, de Guarimir, acusado de assédio moralmente e sexualmente uma professora, ainda está em análise na Secretaria de Educação do Estado. A informação foi confirmada pela secretária executiva da Agência de Desenvolvimento Regional, Cristiana Patrônio, que fez o comunicado.

Mensagens de texto foram anexadas ao boletim de ocorrência registrado na semana passada. Nelas, o diretor insistentemente assedia a professora, que atua como ACE Contratada em Cessão Temporária. Em uma das mensagens de, inclusive, que ele poderia dar a ela o "paralão" ou o "inferno".

Publicidade



Canaltech

Assédio sexual pelas redes sociais também pode ser considerado crime

Por Patrícia Gnipper | 16 de Dezembro de 2015 às 17h44

Apesar de não ser um assunto tão polêmico quanto [mamilos](#) no [Facebook](#), o assédio sexual é um tema delicado que precisa ser debatido. Você costuma “dar em cima” das meninas pelas redes sociais? Pois tome cuidado: dependendo da sua abordagem, além de arriscar “queimar seu filme” com as moças, ainda pode estar cometendo um crime sem ter a menor noção das consequências.

Contra prints, não há argumentos

Muitos homens que não costumam assediador garotas pela internet e tampouco enviam fotos íntimas não solicitadas ficam tão indignados quando alguma conhecida passa por essa situação que, por vezes, acreditam se tratar de invenção. Então conversamos com algumas mulheres que gentilmente nos contaram alguns desses casos, ilustrando-os com prints para mostrar que esse tipo de incômodo acontece, sim, e com maior frequência do que se imagina.

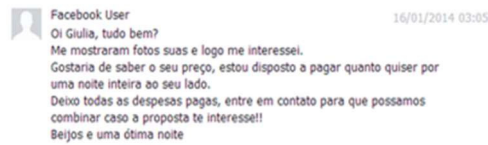


Mesmo sem obter resposta, os assediadores insistem no envio das mensagens invasivas



A modelo também é produtora de festas, DJ e designer por formação (Reprodução: Facebook/Giulia Henne)

As investidas masculinas são tão intensas que Giulia até criou um Tumblr chamado “Virjões do inbox”, onde expõe *prints* das mensagens mais absurdas e invasivas que costuma receber (censurando nomes e fotos de avatar para evitar possíveis contratempos legais). A produtora de eventos contou também que um dos momentos de sua vida em que foi mais assediada virtualmente foi quando teve uma foto sua constando nos “*trendings*” do 9GAG, comunidade de humor acessada por pessoas de todo o mundo. “Em questão de horas recebi uma chuva de inbox de gringos e de brasileiros falando que eu era ‘attention whore’. Fiquei muito chocada, porque não entendia o motivo que levou todos aqueles homens que fazem posts engraçados a me ofenderem daquela forma”, contou.



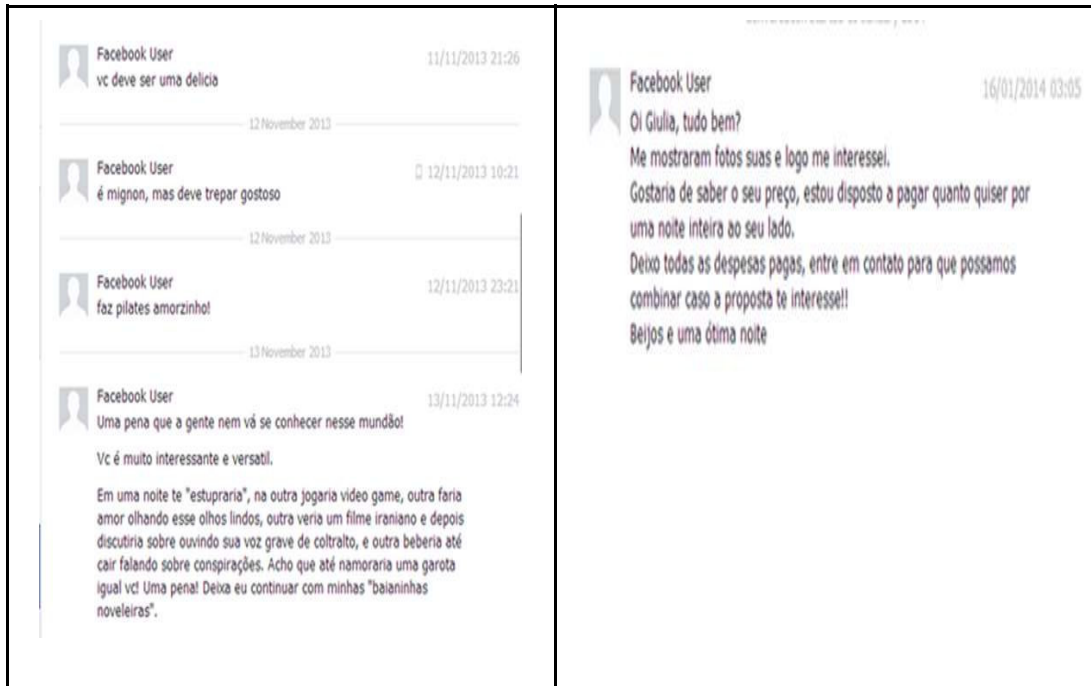
Mesmo sem ser uma garota de programa, Giulia já recebeu esse tipo de proposta



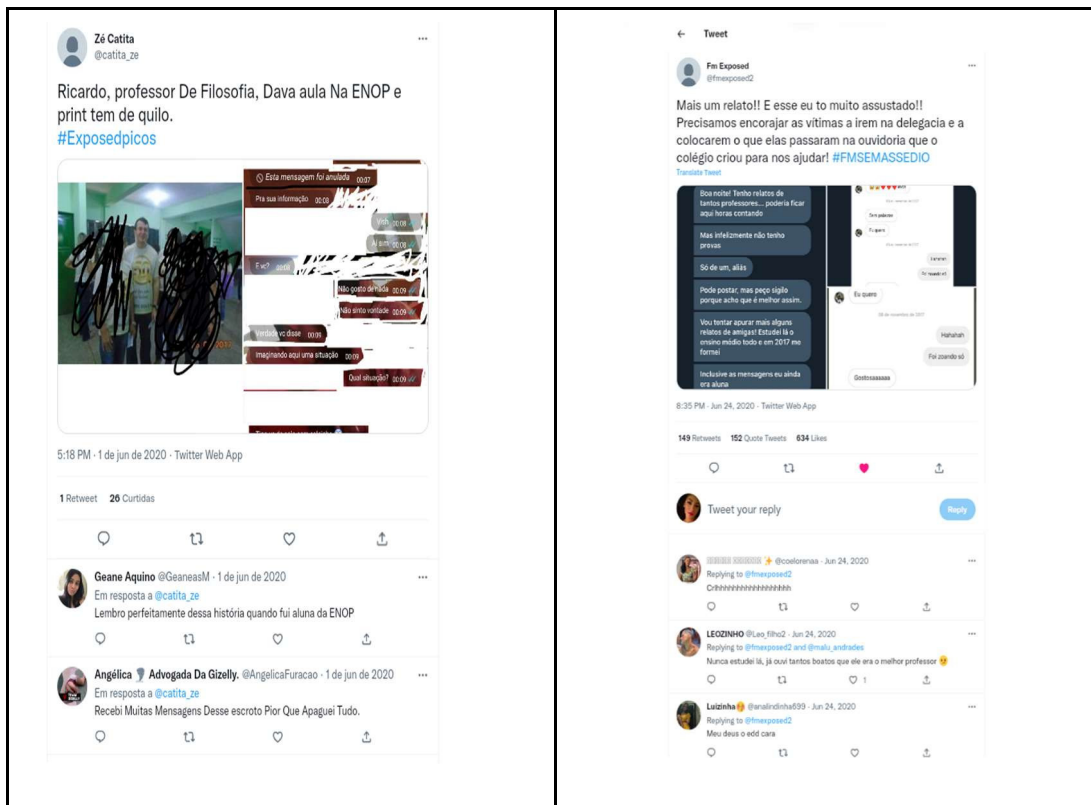
Até ameaças de estupro são feitas em formato de "elogio"

Depois, a modelo foi personagem de uma matéria em um portal de notícias contando sobre essas mensagens abusadas que costuma receber, mas o “tiro saiu pela culatra”. No lugar da conscientização esperada, Giulia recebeu uma quantidade ainda maior de ofensas e conteúdo despuadorado. “Às vezes me sinto em um grande hospício. Tento ver como se esse comportamento fosse uma doença, porque não é possível que algo tão inofensivo como um ensaio sensual incomode tanto os outros”, desabafa.





Capturas de tela e comentários publicados no Twitter



Jhonatan Pache Faria @JhojoPache · Jun 25, 2020
 Replying to @mafesenne16 @fmexposed2 and @PCERJ


COMUNICADO

Devido às denúncias nas redes e após a abertura de uma ouvidoria especial para apurar os casos, recebemos várias informações que nos permitiram atuar de forma institucional em relação aos acusados e vítimas. Sendo assim, as medidas cabíveis estão sendo tomadas e os professores, comprovadamente envolvidos, já não fazem mais parte de nosso quadro de colaboradores.

Reiteramos, que o caminho oficial de recebimento de novas informações deverá ser através da nossa página de ouvidoria ou diretamente nos contatos da liderança pedagógica em cada unidade. Só assim, poderemos dar andamento a partir de novas informações recebidas.

Reafirmamos nosso total repúdio a qualquer forma de assédio e nos solidarizamos com todas as vítimas, todavia sabemos que é uma batalha diária que travaremos juntos. Estamos disponibilizando nossa equipe de psicólogos para auxiliar na superação desse momento tão conturbado.

Contem sempre com toda a equipe do Colégio Força Máxima!



1 1 4

@magalhaessgab · Jun 24, 2020
 Replying to @fmexposed2
 @Ynvi olha isso garota

D. Severo @Dvcng_ · Jun 24, 2020
 Replying to @fmexposed2
 @vitorinhapxx que ódio

V @vitorinhapxx · Jun 24, 2020
 Replying to @Dvcng_and @fmexposed2
 Tã com wpp?

fodase @fodase04891908 · Jun 24, 2020
 Replying to @fmexposed2
 Engaçado que na hora do ficar com fogo na periquita para cima dos professores ninguém fala q é assédio né. Hipócritas kkkkkkk conheço várias q davam em cima por causa de pontos ou pra poder passar amiguinhas em matérias e agr estão aqui. Me cancelem fds

raissa @tavrals · Jun 24, 2020
 Replying to @fmexposed2 @greystreetb

LariZ @Belleberfly2 · Jun 25, 2020
 Replying to @fmexposed2
 Eu to mt chocada

LariZ @Belleberfly2 · Jun 25, 2020
 Replying to @fmexposed2
 Serio eu estudei com ele 4 anos da minha vida, eu amava a matéria dele e ele !! Mds

julia salvatore @demarques_julia · Jun 24, 2020
 Replying to @fmexposed2
 mano que nojo..

isabola @isabeladsg · Jun 24, 2020
 Replying to @fmexposed2
 @CRFisabela @trnbhcherry @gabialvesk

Avon @CRFisabela · Jun 24, 2020
 Replying to @isabeladsg @fmexposed2 and @gabialvesk
 Zero surpresa

siqueirabrendaa @siqueirabrendaa · Jun 24, 2020
 Replying to @fmexposed2
 Cadê o Jhonatan???

siqueirabrendaa @siqueirabrendaa · Jun 24, 2020
 Replying to @fmexposed2 @JhojoPache
 E sobre essa denúncia? Como faz?